

FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS DA INDETERMINAÇÃO NA LINGUAGEM

(Análise de Usos da Construção Se-Verbo em Espanhol)

por

SILVANA MABEL SERRANI

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP-, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Campinas
1984

*Este exemplar é a
redação final da
tese defendida por
SILVANA MABEL SERRANI
e aprovada pela
Comissão Julgadora
em 21/10/1984*

A Daniel

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Meu profundo agradecimento à Dra. Eni Orlandi, que, além de realizar um excelente trabalho profissional de orientação, deu-me seu apoio amigo em muitos momentos durante o percurso deste trabalho.

Meu agradecimento, também, aos Dres. Ângela Kleiman e Carlos Vogt pela sua leitura cuidadosa da versão preliminar desta dissertação e pelas valiosas sugestões que me fizeram.

Agradeço, também, ao Dr. Eduardo Guimarães pelas interessantes conversas sobre temas de semântica e pela cessão de material bibliográfico.

Desejo também deixar expresso meu agradecimento aos meus queridos correspondentes da Argentina e aos meus incondicionais amigos do Brasil, cuja ajuda foi fundamental para a realização deste trabalho.

Meu reconhecimento à CAPES pelo apoio financeiro que me concedeu.

FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS DA INDETERMINAÇÃO NA LINGUAGEM
(ANÁLISE DE USOS DA CONSTRUÇÃO SE-VERBO EM ESPANHOL)

Autora: *Silvana Mabel Serrani*

Orientadora: *Ení de Lourdes P. Orlandi*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reexaminar o problema da indeterminação na linguagem. Para tanto, focalizamos o estudo da construção se-verbo em espanhol, segundo a Teoria e Metodologia da Análise do Discurso. Na primeira parte, resenhamos estudos sobre o tema pertencentes à Gramática Tradicional, ao Estruturalismo, à Gramática Gerativa, à Teoria dos Casos, à Semântica Gerativa e à Gramática Relacional. Também fazemos referência aos trabalhos de M. Suñer (1975) e de E. García (1975). Após as resenhas, realizamos considerações sobre as mesmas, onde concluímos que, do nosso ponto de vista, elas revelam-se insatisfatórias uma vez que privilegiam a função referencial da linguagem, desconsiderando, dessa forma, a função interacional-argumentativa. Na segunda parte, desenvolvemos uma abordagem baseada na Análise do Discurso. Primeiramente, apresentamos o quadro de referência teórica da perspectiva baseada na escola francesa de Análise de Discurso e caracterizamos a construção se-verbo como recurso indeterminador, fazendo referência aos trabalhos de Blanché (1969) e Milanez (1982). Em seguida, indicamos que o corpus é composto por dados pertencentes ao discurso de tipo epistolar, espécie familiar/amistosa e que o critério analítico adotado é o qualitativo. Na análise, operamos da seguinte maneira: 1) seleção dos dados que contêm a construção se-verbo; 2) explicitação do processo de produção discursiva por meio da observação do funcionamento textual das construções sintáticas e da caracterização discursiva da seleção lexical; 3) classificação tipológica dos discursos, segundo a tipologia interacional de Orlandi (1983); 4) caracterização dos funcionamentos discursivos da construção indeterminadora se-verbo em relação às representações pragmáticas (Vogt, 1981) dos protagonistas da (na) linguagem. Assim, determinamos cinco funcionamentos discursivos da mencionada construção: a) o encobridor de ações diretivas; b) o amenizador; c) o instaurador de jogos argumentativos de sondagem e/ou cautela; d) o oficializador e e) o justificador do discurso. A partir da análise, redefinimos o fenômeno enquanto recorte macrossintático e, no final, indicamos a inserção do trabalho no domínio das pesquisas para o estudo da relação linguagem-ideologia.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO.....	7
PRIMEIRA PARTE	10
I. DIFERENTES ABORDAGENS DO FENÔMENO.....	10
a) A Gramática Tradicional	10
b) O Estruturalismo	12
c) A Gramática Gerativa Transformacional	15
d) A Teoria dos Casos	19
e) O Trabalho de M. Suñer	23
f) A Semântica Gerativa	24
g) O Estudo de E. García	27
h) A Gramática Relacional	31
i) O Trabalho de R. Dutra sobre o Se no Português..	32
II. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS LINHAS DE ABORDAGEM APRESENTADAS	35
NOTAS DA PRIMEIRA PARTE	43
SEGUNDA PARTE	
UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DO FENÔMENO	45
I. QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICA DA LINHA DE ANÁLISE DE DISCURSO ADOTADA NESTE TRABALHO.....	46
II. CONCEPTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO	51
III. A ANÁLISE	54

a) O Corpus e o Critério Adotado para o Tratamento dos Dados	54
b) Considerações Preliminares à Abordagem dos Exemplos.....	59
c) Abordagem dos Exemplos	66
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 1	69
(Encobridor de ações diretivas)	
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 2	90
(Amenizador)	
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 3	101
(De sondagem e cautela)	
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 4	111
(Oficializador)	
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 5	118
(Justificador)	
CONCLUSÕES	125
NOTAS DA SEGUNDA PARTE E DAS CONCLUSÕES	128

INTRODUÇÃO

Os usos do pronome *se* em espanhol têm motivado um considerável número de estudos, visando a descrição e explicação de suas variadas ocorrências. Apesar das discrepâncias demonstradas pelas diversas abordagens quanto à taxonomia do fenômeno, podemos esquematizar as distinções reconhecidas da seguinte maneira:

A) O uso *reflexivo*, onde o referente do agente e paciente da ação do verbo é idêntico. Exemplo:

(1) *Juan se lava.*

B) O uso *alomórfico*, que é o que acontece quando se troca *le* por *se*, para evitar cacofonia, em casos como:

Juan dio el libro a Graciela.

Juan le dio el libro.

Juan lo dio a Graciela.

**Juan le lo dio.*

(2) *Juan se lo dio*

C) O uso *pseudo-reflexivo* (ou "quase-reflexivo", para os gramáticos tradicionais e estruturalistas), o

qual, da perspectiva filológico-histórica, constitui uma inovação cristalizada no sistema do espanhol, ou melhor, das línguas românicas, com respeito ao sistema latino. No espanhol, temos exemplos tais como:

(3) *Juan se murió. Juan murió.*

(4) *Juan se arrepintió. *Juan arrepintió.*

(5) *Juan se jacta de ser elegante. * Juan jacta de ser elegante.*

O traço semântico característico deste uso de *se*, segundo Erica Garcia (1975:8), é o de induzir o ouvinte a desconsiderar a participação de um outro agente externo responsável pela ação do verbo.

D) O chamado uso *impessoal*. Aqui estão incluídos: 1. Casos nos quais, de um ponto de vista estritamente sintático formal, há ambigüidade entre uma interpretação impessoal e uma quase-reflexiva (como em: (6) *Se sancionan las leyes*), e 2. Casos em que o *se* não remete a nenhuma entidade explícita na seqüência lingüística, ou seja, quando o traço de reflexividade evidentemente não existe nem a nível formal, uma vez que não há FN à qual o *se* possa referir-se, (como em (7) *Se bebe mucho allá*).

Neste trabalho, o chamado "se impessoal" será o eixo em torno do qual girarão dois objetivos fundamentais:

1. Exemplificar diferentes concepções de lin-
guagem e metodologias de análise na abordagem de um fenôme
no lingüístico, através da referência a estudos existen
tes sobre o tema.

2. Propor hipóteses explicativas de cinco fun
cionamentos discursivos do "se impessoal", através da anál
ise de exemplos pertencentes, em sua maior parte, ao disl
curso de tipo epistolar.

Os exemplos pertencem, fundamentalmente, à va
riedade regional de espanhol rioplatense, mas as observaç
ões decorrentes da análise são relevantes para os outros
dialetos de espanhol.

PRIMEIRA PARTE

I. DIFERENTES ABORDAGENS DO FENÔMENO

Os tipos de tratamento do fenômeno têm variado segundo os interesses que orientam os diferentes estudos. Esses interesses decorrem fundamentalmente da concepção de linguagem subjacente e dos correspondentes princípios metodológicos de cada linha analítica.

Farei, a seguir, uma referência sumária às abordagens mais relevantes.

a) A Gramática Tradicional

Altamente representativa da linha tradicional é a Gramática de la Lengua Castellana de Andrés Bello (1847), na qual basearam-se a maior parte das gramáticas e compêndios escolares normativos produzidos na América Hispânica, e à qual até mesmo a Gramática de la Lengua Española de la Real Academia faz referência ao tratar deste tema (cf., por exemplo, G.L.E.-R.A., 1928 § 282, c:291).

O *se* é definido por Bello como a forma reflexiva dos casos complementos acusativo e dativo de uma categoria delimitada ambigualmente entre pronome e forma primitiva de artigo (cf. Bello 1847, ed. 1958:99 § 273, 101 § 279 e 102-3 § 282).

As construções do tipo (7) *Se bebe mucho allá* são classificadas como quase-reflexivas irregulares, "anômalas", de reflexividade sô formal e significado passivo. Quanto à noção de sujeito na construção, ele afirma: " el único sujeto que se ofrece a la mente es la acción misma del verbo, como si dijéramos se ejecuta (el beber)"(Bello, 1847 ed. 1958: 254 § 787).

Frases como (6) *Se sancionan las leyes* são consideradas por Bello como construções quase-reflexivas regulares, nas quais os *se* "invierten el significado del verbo, y lo hacen meramente pasivo"(Bello, 1847 ed. 1958: 250 § 767). Um exemplo do caráter normativo desta gramática é evidente quando Bello diz que *não se deve* usar essa construção nos casos em que o sentido passivo possa ser confundido com o reflexivo. Ele ilustra: "*Se cultiva el campo*, no adolece de esta ambigüedad ,porque el campo no puede cultivarse a sí mismo; pero si el sujeto fuese un ser capaz de la acción significada por el verbo, la construcción ofrecería dos sentidos diversos, o tal vez ofrecería naturalmente el reflejo". (Bello, 1847,ed. 1958: 250 § 769).

Uma frase como (8) *Se fertiliza los campos*, com verbo em 3ª singular e FN plural, tipo que é, de fato, usado por muitos falantes nativos de espanhol em diversas situações, é considerada por Bello como "intolerable".

b) O Estruturalismo

Emilio Alarcos Llorach em seu Estudios de Gramática Funcional del Español (1970) oferece um tratamento do chamado "se impessoal" que constitui um exemplar do enfoque estruturalista.

No ensaio "Valores de Se", Alarcos caracteriza esta forma como um signo lingüístico dependente de um sintagma verbal. Assim, se é localizado como pertencendo ao grupo dos pronomes pessoais átonos, que se definem por oposição aos tônicos que são autônomos.

Os pronomes são signos de função equivalente à dos nomes, mas opõem-se a estes por não admitirem no sintagma a determinação do signo chamado artigo (cf. Alarcos, "Los pronombres personales", 1970: 143-145).

O se opõe-se aos pronomes átonos restantes porque somente combina-se com verbos que têm sujeito gramatical de terceira pessoa. Assim surge o valor reflexivo de se.

Frases como (7) *Se bebe mucho allã* são classificadas por Alarcos como construções impessoais equivalentes às compostas com verbos impessoais (*llueve, graniza, etc*) em que não há possibilidade de sujeito léxico (Alarcos, 1970 : 163).

Em frases como (6) *Se sancionan las leyes segun-*
do Alarcos, o *se* continua tendo valor reflexivo, uma vez
que "el hecho de sustancia de que el ente a que se refie-
re el sujeto no sea 'actor' en la realidad, no repercute
para nada en la forma gramatical" (Alarcos, 1970:164).
Quanto à interpretação de (6), ainda que Alarcos admita
que o ente a que o sujeito refere-se não efetua a ação
do verbo, ele afirma que esse fato não lhe parece ter "mui-
ta importância" do ponto de vista gramatical, uma vez que,
segundo ele, para o espanhol, as noções de agente e pacien-
te "carecen de pertinencia gramatical" (cf. Alarcos, 1970:
162). No capítulo 6, "Pasividad y Atribución en Español",
ele desenvolve essa idéia: "el sujeto - término y función
gramaticales, lingüísticos - es sujeto porque presenta
ciertas relaciones gramaticales, lingüísticas, con el nú-
cleo del predicado, o sea el verbo, no porque en la reali-
dad la sustancia a que se refiere actúe sobre otra o sea
afectada por ésta. Tal sustancia léxica es la que confie-
re al contenido global de la oración uno de esos dos ma-
tices de 'actividad' o 'pasividad', matices que mientras
no se reflejen en diferentes construcciones gramaticales
peculiares no deben importar. Tal ocurre en lenguas como
el español, donde aquellos contenidos no están asociados
con distintas expresiones gramaticales exclusivas de ellos,
y en consecuencia no desempeñan papel alguno en el siste-
ma" (Alarcos, 1970 : 125).

No entanto, há controvérsia nas abordagens estru-
turais em relação a este aspecto das construções como (6).

Por exemplo, Rosetti em Estudios de Gramática Estructural apresenta um artigo : "La Llamada *Pasiva con se* en el Sistema Español", no qual afirma que existe, na língua espanhola, a construção denominada passiva quase-reflexiva com se. Construção essa que é sempre de terceira pessoa obrigatória e na qual o se não funciona nem como objeto direto nem como indireto.

Para precisar o comportamento da construção com mais detalhes e defini-la com "rigor formal" no quadro do que ela chama *construções endocêntricas verbais pronominais de pessoa coincidente*, Rosetti (1971 : 96-98) especifica que há:

- A. Construções reflexivas puras
- B. Construções recíprocas
- C. Construções quase-reflexivas, nas quais a forma pronominal não é objeto direto nem indireto e não pode ter reforço reflexivo (a mí mismo), nem circunstância intensificativa (unos a otros).
 - C.a. De toda pessoa
 - C.b. De terceira pessoa
 - C.b.1. Sem sujeito (impessoais) Exemplo (7)
 - C.b.2. Com sujeito. Exemplo (6)
 - C.b.2.1. Com objeto indireto obrigatório. Exemplo: (9) *Se me ocurrió una idea.*

estrutura profunda em los dos tipos, sino solamente una transformación de pasiva con "se" y otra con "ser" que se utilizan indistintamente, cuando está presente el elemento pasivo en la estructura profunda " (Hadlich, 1975:62, nota nº 20).

Uma diferença que este autor assinala entre a "passiva com ser" e a "passiva com se" é que, na primeira, o falante pode incluir o sujeito profundo como agente da ação de passiva, enquanto que no caso da passiva com se não é "normal" essa inclusão. Segundo Hadlich, "la pasiva con se se usa sólo cuando el realizador de la acción es desconocido o de importancia marginal para la comunicación " (1975 : 63)¹.

Em relação a frases como (7) *Se bebe mucho allá* Hadlich as situa junto às chamadas impessoais de 3ª pessoa plural ((10) *Lo designaram presidente*) com as quais compartilham os traços seguintes: 1) Ausência de sujeito exposto na estrutura superficial; 2) Ter implícito um executor da ação, o que as diferencia das frases impessoais com verbos que expressam fenômenos naturais: (como em *Nieva todo el año aquí*); e 3) "que del ejecutor de la acción puede decirse verdaderamente que es impersonal. Por impersonal aquí queremos decir específicamente no asociado a ningún individuo o grupo" (Hadlich, 1975 : 65). E ele conclui afirmando que frases do tipo (7) *Se bebe mucho allá* são paralelas às do inglês com *one, you or they*, às do francês com *on*, ou às do alemão com *man*².

Tanto no caso da passiva com *se*, quanto no da impessoal, o *se* não é considerado forma pronominal, mas marcador superficial que indica que houve modificação na estrutura profunda.

À frases como (11) *No se dice eso*, Hadlich atribui o estatuto de *ambíguas*, uma vez que podem ser interpretadas como impessoais ou como passivas, sendo que as regras de estrutura sintagmática fornecerão uma estrutura profunda diferente para cada uma das interpretações.

Além do trabalho resenhado, gostaria de referir-me a artigos de outros lingüistas gerativistas - por exemplo, Carlos Otero, H. Contreras - nos quais, eles discutem, segundo o modelo standard, a gramaticalidade ou agramaticalidade de frases como (6).

Em "Acceptable Ungrammatical Sentences in Spanish" (1972), Otero afirma que frases do tipo (6), ainda que sejam aceitáveis, não podem ser geradas pela gramática do espanhol, posto que o verbo concorda em número com o objeto direto e não com o sujeito. Para que esta geração fosse possível deveria existir uma regra transformacional de concordância com características excessivamente especiais. Em "Grammaticality Versus Acceptability: The Spanish SE Case" H. Contreras desenvolve essa longa regra hipotética e logo após afirma: "A rule like this is obviously very unnatural, and Otero is justified in doubting its existence" (Contreras, 1973 : 83-4).

No entanto, Contreras considera frases como (6) absolutamente gramaticais, resultado de transformações a partir de uma estrutura profunda com um sujeito (PRO humano), que impulsiona a *Inserção de se* (o qual, na realidade, é introduzido por *Reflexivização*). Esse sujeito é posteriormente elidido na estrutura de superfície. Seguindo Contreras, a derivação seria a seguinte:

Inserção de SE	(PRO hum.) sanciona - las leyes
(Reflexivização)	(PRO hum.) se sanciona - las leyes

Inserção de a	Inaplicável porque o SN "las leyes" não contém o traço (+ humano). É aplicável em casos como (12) <i>Se felicita a los amigos</i> ³ .
---------------	--

Elisão de PRO	Se sanciona - las leyes
---------------	-------------------------

Concordância verbal	
bal	Se sancionan las leyes

A frase (13) *Se sanciona las leyes* é considerada por Contreras sinônima à (6), e para gerá-la aplica-se Elisão de PRO e Concordância verbal na ordem inversa. O enunciado da regra de concordância verbal que ele dá é o seguinte: "The verb agrees with the subject, or in its absence, with the direct object, provided no preposition intervenes" (Contreras, 1973 : 84). Assim ficaria resolvido para este autor o problema da impossibilidade de geração sustentada

por Otero em 1972. Por outra parte, a validade da condição final no enunciado da regra verifica-se em casos não possíveis como (12') **Se felicítan a los vencedores.*

Não obstante, em um trabalho posterior, Otero reafirma o ponto de vista sustentado em seu trabalho de 1972 destacando a importância da questão para o aprofundamento na compreensão da distinção: competência/desempenho. Segundo este autor, a interpretação semântica equivalente para (6) e (13) não é correta e só é possível devido a erros na performance dos falantes. Creio que vale a pena acompanhar o que ele diz: "People, as distinct from automata, do make mistakes (...). Once a mistake is made and repeated, it is even easier to mimic it. The Pavlovian reflexes induced by society are real enough even in speech (no matter how innovative speaking is in its essence) (...). Nonetheless, if we had a complete, optimal grammar of Spanish, those utterances will no doubt turn out to be a sort of 'fabrication' of the grammar user, completely outside the range of sentences generated (directly or derivately) by his internalized grammar. The flawless 'competence' of a computer incorporating an optimal grammar of Spanish would never come up with (sentences like (6) *Se sancionan las leyes*)" (Otero, 1973 : 560).

d) A Teoria dos Casos

Mantendo a distinção gerativa entre estrutura profunda e superficial, a teoria de Fillmore (1968) diz que as

noções funcionais de *sujeito* e *objeto* só são pertinentes a nível de superfície. Para o nível profundo ele propõe as categorias relacionais chamadas *casos*. No trabalho de 1977: "The Case for Case reopened", Fillmore situa o conceito de "caso profundo" em relação à dois parâmetros: a semântica e a teoria gramatical. A noção de caso corresponde a uma semântica que ele denomina interna. É a que, sem se ocupar da verdade, falsidade ou força ilocucional dos enunciados, estuda os tipos de relações semânticas que os elementos da estrutura de uma frase tem uns como os outros em contexto.

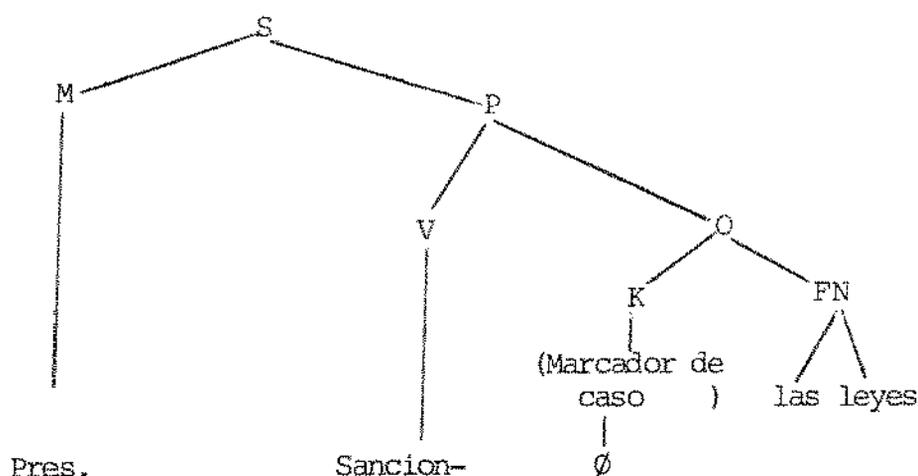
Quanto à Teoria Gramatical, o caso é um conceito que se incorpora ao quadro de Gramática Gerativa, principalmente como uma contribuição para a determinação das relações gramaticais nucleares da frase: sujeito, objeto direto e objeto indireto (cf. Fillmore, 1977 : 60).

O número preciso de casos existentes é deixado em aberto, nos principais estudos desenvolvidos dentro deste modelo. No entanto, Fillmore faz uma relação de oito casos, dentre os quais destacamos os *Agentivo*, *Dativo*, *Instrumental* e *Objetivo* como os mais relevantes para o tratamento do "se impessoal".

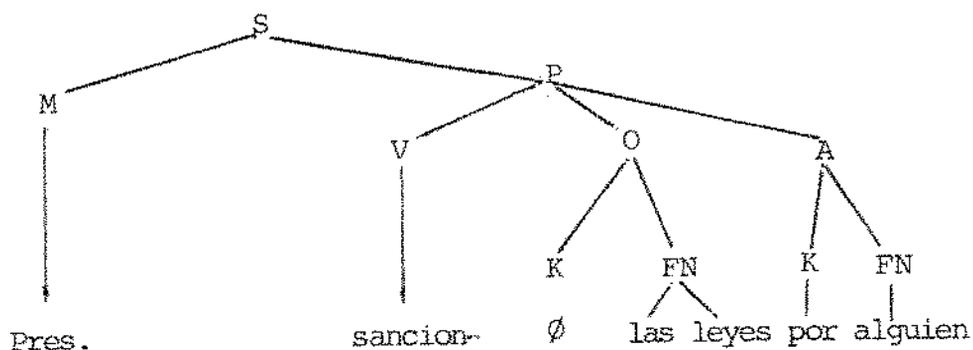
Em seu livro Spanish Case and Function, Mark Goldin analisa nosso tema seguindo este modelo. Ele começa por considerara função de sujeito e objeto no quadro da gramática gerativa standard. No nível estrutural profundo ambas as categorias condicionam a seleção lexical do

verbo. No nível de superfície, o sujeito determina a concordância de número com o verbo e a identificação tanto do sujeito como do objeto é necessária para a operação com regras transformacionais posteriores, como por exemplo a de pronominalização.

Segundo Goldin, frases como (6) *Se sancionan las leyes* são problemáticas para serem analisadas em sujeito e objeto a nível profundo. Ele diz que, em (6) *las leyes* é o sujeito superficial porque determina a concordância numérica com o verbo. Entretanto, *las leyes* não pode ser o sujeito profundo porque *sancionar* é um verbo do lexicon do espanhol que requer um FN sujeito com o traço de subcategorização (+ animado) e, além disso, é um verbo que requer, também, um objeto. Goldin não concorda com a solução que a Gramática Gerativa geralmente tem dado ao problema, isto é, a de considerar que frases como (6) tem uma estrutura profunda como (14) *Alguien sanciona las leyes*. Para ele, uma abordagem desse tipo implica confundir estruturas de agente indefinido com as que não tem agente. Para fundamentar sua afirmação, ele apresenta as representações das estruturas de casos profundos de (6) e (14) (cf. Goldin, 1968 : 13-14). Suas representações seguem a formulação proposta por Fillmore (1968:44-5), segundo a qual toda sentença consta de uma *Modalidade*(M) e uma *Proposição* (P), correspondendo M a tempo verbal, auxiliares e outros modificadores de frases e P, a Verbo e às restantes categorias de casos. Assim, a representação de (6) seria:



Como pode se observar, na estrutura profunda de (6) não há caso *Agentivo*, o qual, porém, está presente na representação (14):



Para Goldin, sentenças como (7) *Se bebe mucho allá*, não tem sujeito na superfície (cf. Goldin, 1968:20), mas para que elas possam ser produzidas, o verbo escolhido no Lexicon a nível profundo deve ser tal que possa permitir um agente com subcategorização que inclua o traço (+ animado), embora esse agente não esteja, de fato, na construção da sentença⁴.

As regras que Goldin enuncia para relacionar o

caso profundo com o sujeito superficial de frases com *se* "impessoal" são as seguintes:

a) Se houver caso *Agentivo* na estrutura profunda, torna-se o *sujeito* na superfície.

b) Se não houver *Agentivo* e sim *Instrumental*, este último pode, opcionalmente, ser o sujeito superficial.

c) *Inserção de pronome reflexivo:*

Se não houver *Agentivo*, mas potencialmente podendo existir e se nenhum *Instrumental* se tornar sujeito, então um pronome reflexivo é inserido.

d) Se houver um caso *Objeto* que contenha um substantivo com o traço (- animado) o *Objeto* da estrutura profunda torna-se o sujeito na superfície. Isto acontece opcionalmente se houver um reflexivo inserido, e, obrigatoriamente, nas outras ocasiões (cf. Goldin 1968:21).

e) O Colloquium on Spanish and Portuguese Linguistics

(1974)

Margarita Suñer retoma o trabalho de Goldin, juntamente com os que Roldán (1971), Langacker (1970) e Schroten (1972) realizaram sobre o mesmo tema. Suñer assinala que nessas análises o *se* chamado "impessoal" é derivado, direta ou indiretamente, por meio da regra de *Reflexivização*. E isto implicaria que o *se* "impessoal" e o reflexivo seriam de natureza idêntica.

Contudo, segundo esta autora não há justificativa nem formal, nem semântica nem sintática para sustentar essa identidade. Ela diz: "semantically impersonal se implies an unspecified Agent (or Experiencer) while the true reflexive se refers back to the Subject of the sentence" (Suñer, 1974 : 143).

A evidência sintática que ela apresenta provém de:

1. O comportamento sintático diferente de ambos os se em orações subordinadas com infinitivo: *Miro a Juan afeitarse. *Oigo conversarse mucho aquí⁵*, e 2. a escolha da forma de pronome objeto masculino plural. Ao estar precedido por se "impessoal" a escolha, segundo Suñer, recai em *les⁶* (*Se les esperō durante horas*) e em *los* quando posterior ao se reflexivo (*se los lavō con una substancia nueva*).

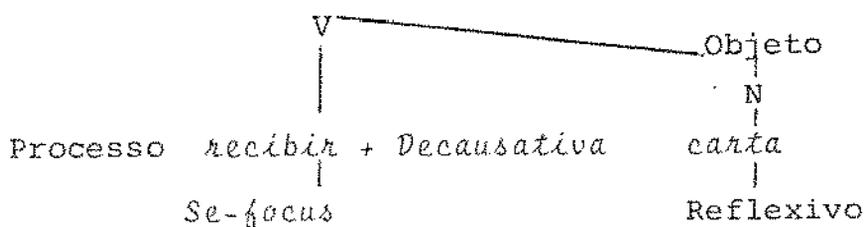
A partir desses exemplos que, para Suñer, evidenciam a distinção intuitiva dos se feita por alguns falantes, ela conclui que ambos os se não podem ser derivados da mesma regra de Reflexivização.

f) A Semântica Gerativa

No trabalho Semantic Structures in Spanish (1973), Frances Aid aplica o modelo de W. Chafe (1970) para uma descrição da gramática espanhola de base semântica. No

capítulo dedicado às formações com *se* ele parte da afirmação de que há sempre pistas na estrutura superficial que indiquem como os falantes de uma língua usam as unidades lexicais remetendo intrinsecamente a verbos de *Estado*, *Processo* ou *Ação* da estrutura semântica profunda.

Cada uma dessas três classes ocorre na língua em forma *simples* ou *derivada*. Assim, por exemplo, um verbo que dá noção de *Resultado* é derivado semanticamente a partir de um verbo de *Processo*. Existe uma derivação chamada *Decausativa* que é a que faz que opere obrigatoriamente a regra de formação semântica que Aíd denomina *se-focus*. A *Decausativa* aplica-se sobre as raízes verbais especificadas como a) *Processo de Ação*, b) *Processo de Experiência* e c) *Processo de Benefício*, tornando-as em raízes verbais de *Processo*, sem outra especificação. O resultado da derivação é a eliminação de AGENTE na estrutura semântica profunda. Um exemplo que Aíd apresenta do uso obrigatório de *se-focus* é: "*Se recibió la carta*"



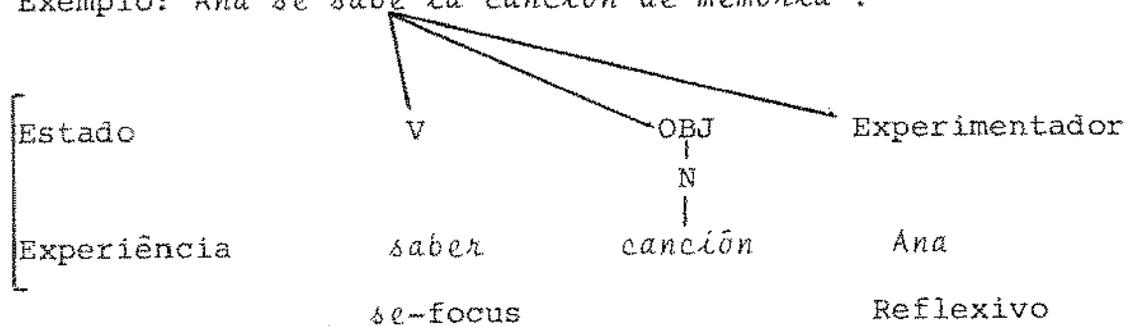
(Aíd, 1973 : 85)

Para explicar a função da unidade *se-focus*, Aíd diz: "Its function is to mark a verb root that normally requires a causative relation as having to do with a Process going on without reference to any cause. Derived

Process sentences with se-focus are similar to what Halliday calls 'process-oriented' predications in English. In Halliday's analysis (a sentece like ' The clothes washed easily') is a process-oriented sentence in which there is no notion of AGENT in the structure. In (' the clothes were washed')an underlying AGENT may be notionally present, an 'agent-oriented sentence." (Aid, 1973 : 89,cf também Halliday, 1967 : 47).

Se-focus pode também operar opcionalmente em ou tros dois casos:

- *Verbos não derivados*, sejam especificados como *Estado*, *Processo* ou *Ação*. Aqui a origem do estado, processo ou ação identifica-se com o Sujeito da sentença. Exemplo: *Ana se sabe la canciõn de memoria*⁷.

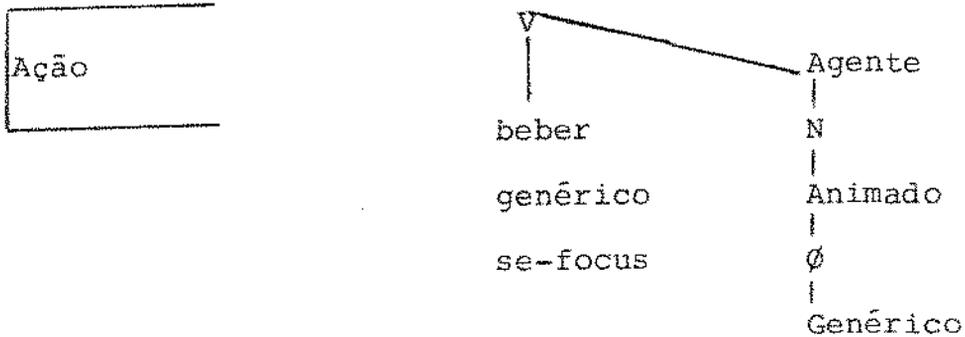


(Aid, 1973 : 91)

- *Verbos categorizados como genêricos* - Segundo esta linha de análise, o traço *Genêrico* está presente na estrutura semântica de verbos de ação, processo ou estado usados para comunicar generalidades abstratas. Aid lembra que "according to Chafe, the contrast Generic/non

Generic accounts for the difference between a predication about 'a timeless propensity for an indefinite number of events to take place', and a predication about a single transitory event" (Chafe, 1970 : 169, em Aid, 1973:100). Quando *se*-focus ocorre com verbos genéricos a partícula *se* funciona como substituto de Sujeito na estrutura de superfície. Sobre o efeito da aplicação de *se*-focus com verbo Genérico Aid diz: "Its effect is similar to that of employing an indefinite Subject noun such as *uno, la gente or ellos*" (Aid, 1973 : 101).

Segundo a formulação de Aid, a representação semântica de (7) *Se bebe mucho allá* é:



(Aid, 1973 : 103)

g) O Estudo de Erica García

Esta autora propõe um tratamento unificado das diversas ocorrências de *se*. Ela localiza a forma a nível do sistema lingüístico (visto em seu caráter paradigmático), incluindo o *se* na subclasse pronominal dos clíticos verbais. Para precisar a categorização des-

tes pronomes ela concorda com a análise tradicional em termos de *pessoa*, *número* e *gênero* e acrescenta as categorias de *deixis*, *foco* e *caso*.

A noção de *deixis* está ligada à questão de identificação de referentes. García distingue duas subcategorias: *deixis alta* e *baixa*: "High *deixis* tells him(o ouvinte): 'Find the third person referred to' (...). Low *deixis* tells him 'Seek neither hard nor far from the third person referred to'" (García, 1975 : 65). Ela acrescenta que a instrução dada ao ouvinte pela *deixis* baixa é apropriada quando o antecedente for óbvio, fácil de achar ou quando não importar muito que o referente seja identificado ou não: Este último seria, para García, o caso do "*se* impessoal", que "in terms of specific reference can perfectly well be left hanging" (op cit: 65).

García define *foco* como o sistema que trata da concentração de atenção em um dos participantes dos quais se fala, e distingue duas subcategorias: a) *foco* (no falante, no ouvinte ou em outro algo ou alguém) e b) *não foco*, que corresponde aos clíticos exceto *se* (op cit : 69).

A noção de *caso* permitiria explicitar o grau de atividade dos participantes no evento referido pelo verbo. Para García, o *se* não é especificado quanto ao caso, já que pode exprimir qualquer grau de atividade: *o mais ativo* (most active), no uso "impessoal", *menos ativo*

(less active), no uso alomórfico de *le* em alguns dos usos reflexivo-dativos, e o menos ativo (less active), nos usos reflexivo-acusativos.

A partir dos conceitos resenhados acima, ela estabelece o significado de *se* como sendo: *outro*, *deixis* *baixa*. A seu ver, esta caracterização de pronome permite explicar suas diversas ocorrências.

Em seu trabalho, esta autora aborda múltiplos enunciados com *se*, provenientes de fragmentos extraídos de obras literárias.

Para analisar os textos, ela relaciona o significado dêictico e focalizador atribuído a *se* com a noção de *inferência*, entendida como a que o ouvinte realiza, segundo estratégias de natureza comunicativa, a fim de interpretar mensagens variadas a partir dos significados das formas lingüísticas (op. cit. : 47 e 77-98).

No que diz respeito à interpretação passiva de frases como (6), ela concorda em que se o verbo for transitivo, o sentido da construção é aproximadamente passivo e para caracterizar a construção em relação à passiva perifrástica, ela diz: "The difference is not in what is positively affirmed, but in what is covertly implied: the passive strongly implies the existence of an agent though it may be convenient to let him go unmentioned; the impersonal *se* implies that any agent is irrelevant" (op. cit. : 15).

Quanto à estratégia inferencial para discriminar entre interpretação "impessoal" ou "reflexiva" em frases formalmente equiparáveis a (6), vai depender grandemente, para esta autora, da consideração do número de participantes envolvidos no evento. Por exemplo, ao analisar a sentença "*se quemaron los libros*", ela diz: " the difference between the two senses (o reflexivo e o impessoal) is a very slight one. In the case of double mention (uso reflexivo) attention is concentrated on the burnt books, and the entity responsible for the burning is simply excluded, so that only one participant is involved; where *se* is used for defocussing purposes (uso "impessoal"), we have two participants actually involved in the event, because the most active is not eliminated, but he is backgrounded to the point of non-distinctness" (op. cit. : 194 - 5).

É necessário acrescentar que García também diz que a distinção entre as duas interpretações não é sempre uma questão de número de participantes, mas de contexto, já que são fatores contextuais os que fornecerão ou eliminarão a possibilidade de co-referencialidade entre *se* e a FN da sentença. Quando o contexto não sugerir uma direção específica à inferência, ela diz que a distinção é impossível e desnecessária (op. cit. : 234).

h) A Gramática Relacional

Para exemplificar o tratamento do fenômeno segundo esta corrente farei referência ao trabalho de Bernard Comrie. Ele considera frases de ambos os tipos (6 e 7) como passivas impessoais (cf. Comrie, 1977 : 48-9).

No quadro teórico da Gramática Relacional há dois conceitos básicos que são: a estrutura *subjacente* e a *derivada*. Uma construção passiva é derivada através de mudanças nas relações sintáticas que constituem a estrutura subjacente da frase: o objeto direto passa à posição de sujeito, e o sujeito passa a objeto oblíquo (cf. Comrie, 1977 : 47).

Para este autor há construções passivas impessoais no espanhol, latim, alemão, holandês, polonês, galês, e finlandês que deslocam ou apagam o sujeito, mas, nas quais, o objeto não passa necessariamente à posição de sujeito. Isto o leva a argumentar em favor do chamado "deslocamento espontâneo", isto é, aquele que não é causado pela prévia passagem do objeto à posição de sujeito. Nas construções passivas impessoais não há sujeito derivado e o sujeito subjacente ou está completamente ausente ou presente como objeto oblíquo.

Os exemplos citados por Comrie de frases em espanhol com sujeito subjacente totalmente ausente são:

*"En Europa no se nos conoce (*por los periodistas).*

No se habla de música (*por los es
tudiantes)

¿Por d^onde se sale? (*por los via
jeros)" (Comrie, 1977 : 49).

Ele sustenta que tem havido, nos estudos da Gramática Relacional (e também em outros pertencentes a diversos modelos), uma tendência a concentrar as análises nas propriedades deslocadoras de objeto da passiva e a relegar o estudo das propriedades deslocadoras e apagadoras de sujeito. Concomitantemente, esses dois tipos de mudança de posição do sujeito tem sido considerados como radicalmente diferentes. Comrie, entretanto, coloca as duas propriedades (a deslocadora e a apagadora) da passiva como fazendo parte de uma categoria de fenômenos lingüísticos que denomina *Remoção* do sujeito, uma vez que é precisamente essa propriedade de remoção que liga as passivas pessoal e impessoal.

i) O Trabalho de Rosália Dutra sobre o Se, no Português

Esta autora (1981) retoma o estudo de Comrie e demonstra que o português pode ser acrescentado à lista de línguas com construções passivas impessoais em que o sujeito é deslocado (ou apagado), isto é *removido*, sem que isso necessariamente cause um deslocamento do objeto para o lugar deixado pelo sujeito.

Nesse sentido, Dutra diz que "poderemos explicar

com base na remoção de sujeitos, a relação de sinonímia que existe entre as sentenças abaixo:

"As provas foram adiadas.

Adiaram-se as provas.

Adiou-se as provas.

Adiou as provas.

Adiaram as provas". (op. cit. : 81-2. O último exemplo está acrescentado em nota).

Para evidenciar a conexão entre reflexividade, passividade e indeterminação de sujeito, na diacronia, Dutra descreve sumariamente a evolução dessas construções. Seguindo seu raciocínio, adaptaremos os exemplos ao espanhol:

Na função reflexiva, (Juan se lava) o *se* indica tanto a atividade (Juan lava) como a passividade da ação (Juan es lavado). Essa interpretação passiva do *se* estendeu-se a outros verbos transitivos (se sancionan las leyes). E "como nesse tipo de construção o agente nunca chegou a ser formalmente expresso, o pronome acabou por assumir também a função de indeterminador do agente em casos... " como nosso exemplo (7) *se bebe mucho allá*) (op. cit. : 82).

No que diz respeito à interpretação passiva de frases como (6), Dutra aponta que esta não depende unicamente das relações sintáticas, mas também da especifica-

ção semântico-pragmática dos itens lexicais. Ela exemplifica isto com as sequências "ele se operou de hérnia" e "batizei-me na igreja do Carmo" e fundamenta dizendo que, ao menos em nossa cultura, uma pessoa não se opera a si mesma, mas é operada; não se batiza, mas é batizada.

Dutra expande a abrangência da explicação proposta por Comrie para a passivização e a omissão do agente também ao fenômeno de reflexivização. Essa expansão é fundamentada no fato de que a interpretação reflexiva do *se*, no caso dos reflexivos propriamente ditos, parece acontecer quando não há deslocamento espontâneo do sujeito. Assim, a reflexividade parece depender também desse fator para ocorrer. Um de seus exemplos é "a luz se apagou", versus "apagou-se a luz". No entanto, ela salienta que nem sempre a presença formal de um sujeito conduz à interpretação reflexiva da frase, já que a determinação do contexto pragmático em que a sentença se insere é indispensável para estabelecer a função exata do pronome. A seu entender, quando, apesar de haver um sujeito formalmente expresso, a interpretação não é reflexiva, "a estrutura gramatical é 'sensível' ao contexto semântico-pragmático". E quando a presença do sujeito explícito leva à interpretação reflexiva, "a estrutura gramatical como que 'resiste' as investidas do contexto semântico-pragmático" (cf. Dutra, 1981 : 84).

II. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS LINHAS
DE ABORDAGEM APRESENTADAS

A preocupação dos estudos pertencentes à corrente tradicional pré-saussureana é a de seguir o esquema paradigmático das gramáticas greco-latinas e estabelecer normas a partir dele. Os fenômenos lingüísticos são abordados partindo das classes de palavras e as construções em que estas aparecem são analisadas fazendo considerações tanto em relação à forma quanto à significação das mesmas, remetendo sempre ao quadro pré-estabelecido do inventário morfológico da língua.

Assim, as expressões com "se impessoal" são abordadas ao estudar as classes pronome e verbo. Como essas construções não se inserem diretamente no paradigma de reflexividade pronominal e verbal, elas são classificadas como "irregulares", "anômalas" ou "intoleráveis". O *se* é concebido como apassivador e para o estabelecimento do sujeito são usados critérios tanto formais de concordância verbal, assim como também semânticos (cf. citação de Bello § 787 : 254, na página 11 deste trabalho).

Nos estudos estruturalistas, o interesse já não é o de prescrever, mas o de descrever. Como diz D. Slakta (1971:87): "La Linguistique est dite science a partir du moment où, cessant d'imposer des listes de prescription,

elle propose des séries de description". E descrever o que? Partindo da clássica distinção língua/fala, para o estruturalismo o objetivo primordial - e, na prática, exclusivo - da ciência lingüística é a descrição da estrutura da língua concebida como sistema formal abstrato. É por isso que a questão do sentido passivo em frases com *se* não é nem levada em consideração nos estudos estruturalistas mais ortodoxos (cf. citação de Alarcos, 1970 - 164 e 125, na página 13 deste trabalho). A gramática é uma questão de forma, não de "substância". Desse modo, o problema do estabelecimento do agente é eliminado, e frases como (7) são equiparadas às com verbos que expressam fenômenos atmosféricos (cf. citação de Alarcos, 1970 : 163 e 164, nas páginas 12 e 13 deste trabalho).

O *se*, enquanto signo, é definido, neste modelo, por relações de oposição interna dentro do sistema, de acordo com a teoria saussureana do valor sígnico. Sobre este tópico, parece-me interessante o artigo de Orlandi (1978 : 78) onde a autora, partindo dos trabalhos de Ponzio, Rossi-Landi e Schaff, que também tratam da noção de valor e do fetichismo verbal a que esta conduz, explica que a teoria do valor cria a ilusão segundo a qual as relações centrais, na linguagem, são entre signos (apresentados como se fossem autônomos) e não entre as pessoas que produzem e usam esses signos.

Essa língua concebida como sistema formal é caracterizada, paradoxalmente, como "social" por Saussure

(1916, ed. bras., 1977 :28). Como diz Labov: "the Saussu-
rian Paradox (...). If we carry to its logical extent
Saussure's notion that *langue* represents the knowledge of
the language in the possession of all members of the speech
community, it follows that we can study *langue* through
intuitions of any one member, even the linguist himself. He
can then examine the *social* aspect of language in the privacy
of his office" (1972 : 1111).

Por outro lado, os estudos pertencentes ao enfoque
gerativo-transformacional, partindo da dicotomia *competên-
cia lingüística* (o saber intuitivo das regras gramaticais
de uma língua) e *desempenho lingüístico* (efetivação concre-
ta da linguagem), propõem-se caracterizar, mediante regras
formais, a competência lingüística de um falante nativo
ideal. A unidade básica de análise, já não é a classe de
palavra, como era na corrente tradicional, nem o signo lin-
güístico, como no estruturalismo, mas, a frase, na qual, dis-
tinguem-se dois níveis estruturais: o *profundo* (a represen-
tação formular do significado lógico) e o *superficial* (o
que ouvimos ou vemos escrito). Através desta distinção, a
gramática gerativa explica a questão do estabelecimento es-
trutural do sujeito em frases como (6), atribuindo a uma
mesma FN, diferente estatuto em cada nível (cf. pág. 15 aci-
ma). E o *se* é apresentado como sendo marcador superficial
de um dos tipos de transformação passiva da língua. A es-
colha do tipo de transformação é considerada por este modelo
teórico como sendo arbitrária e indistinta (cf. Hadlich,
1975 : 62 nota 20, citado na página 16 deste trabalho).

A distinção estrutura profunda/estrutura de superfície explica a "ausência de sujeito" em sentenças como (7), atribuindo-a a uma transformação de apagamento do executor da ação do verbo, o qual estaria presente a nível profundo. Este recurso conceitual permite distinguir frases como (7) das impessoais com verbos que se referem a fenômenos atmosféricos, o que não acontecia no estruturalismo. No entanto, o executor da ação em (7) é classificado como "verdadeiramente impessoal e não associado a nenhum indivíduo ou grupo" (cf. citação de Hadlich, 1975 : 65, pág. 16 acima). A meu ver, isto é possível porque este modelo não leva em consideração a noção de contexto. A mesma crítica parece-me ser válida com respeito ao estatuto de ambigüidade entre passividade e impessoalidade que a perspectiva gerativa atribui a frases como (11) *No se dice eso*. Quanto à discussão acerca da gramaticalidade, agramaticalidade ou aceitabilidade de frases como (6), o que me parece importante salientar é que subjacente a essas distinções encontra-se a noção de erro para as expressões dos falantes reais que se afastam das regras lógico-formais da competência do falante ideal criado pelo modelo. As frases como (13) *Se sanciona las leyes* (com verbo singular e FN plural), que de uma perspectiva sociolinguística ou discursiva seriam expressões de uma variedade regional, social ou situacional determinada, são aqui, explicitamente consideradas erro, motivado pela condição humana dos falantes, que não possuem a competência infalível e abstrata de um computador. (Sic!). E a expansão do "erro" é imputada à sua repetição mecânica e aleatória no seio da sociedade, vista como realidade homogênea que induz a hábi-

tos por meio de reflexos no sentido pavloviano. (cf. citação de Otero, 1973:560 na página 19 acima).

Na teoria proposta por Fillmore, a noção de caso é definida segundo critérios sintagmáticos e não paradigmáticos, como acontecia com o conceito do mesmo nome nas gramáticas tradicionais. Este enfoque inclui a consideração da noção de contexto, a nível da sentença (no trabalho de 1968), e a um incipiente nível situacional (no artigo de 1977). Neste último, Fillmore diz que dada uma situação, o falante põe em relevo alguns participantes, segundo uma perspectiva de natureza semântica, aos quais atribui papéis e funções gramaticais (cf. Fillmore, 1977:79).

Na análise dos enunciados com *se* "impessoal" feita por Goldin, seguindo o modelo de Fillmore (1968), o caso agentivo está ausente tanto em exemplos como (6), quanto nos equivalentes a (7) e o *se* é concebido como pronome reflexivo. E isto é precisamente o que Suñer critica nas abordagens gerativas e da teoria dos casos. Realmente, ainda que a nível teórico o *se* seja considerado marcador de transformação passiva ou impessoal, na derivação das regras, o *se* sempre é introduzido por Reflexivização nestes modelos.

Isso também parece acontecer na abordagem que a Semântica Gerativa faz de frases como (6) (cf. a representação da estrutura semântica profunda de *se recibió la carta*, na pág. 25 acima). No entanto, no caso das frases do tipo (7) o *se* é considerado partícula - substituto de sujeito na estrutura de superfície.

Esta linha teórica propõe-se a construir gramáticas de base semântica. A gramática continua sendo entendida como conjunto de regras que caracterizam a competência de um falante nativo ideal. A Semântica, aqui, é do tipo formal-referencial e que só leva em conta, nas análises, os itens lexicais *explícitos*. Isto possibilita que se fale em verbos que referem processos sem causa (cf. citações de Aïd e Halliday, na pág. 25 acima).

No estudo de Erica García pode-se observar que, através do conceito de *inferência* (cf. op. cit. 1975:47 e 77-98 e a pág. 29 acima, neste trabalho), a autora inclui, na análise dos exemplos, a consideração da significação implícita e de fatores contextuais. No entanto, essa consideração, do ponto de vista que eu adoto - o da Análise de Discurso⁸ -, ainda é feita, no trabalho de García, de modo incipiente.

Por outro lado, o fato de ela abordar o fenômeno no partindo de um significado literal do pronome *se*, estabelecido a nível do sistema lingüístico - visto este em seu caráter paradigmático - parece-me ser um tanto problemático, pois, ainda que a autora não conceba esse sistema como sendo uma estrutura meramente formal, o considera constituído em torno da noção saussureana de *valor*. E como observamos mais acima, ao comentarmos a abordagem estruturalista (cf. pág. 36 acima), a operação com este conceito conduz à ilusão do fetichismo sógnico na linguagem, o qual obstaculiza a passagem para uma concepção enunciativa dos fenômenos.

Os estudos desenvolvidos no quadro teórico da Gramática Relacional abordam o fenômeno segundo uma perspectiva formal-sintagmática.

Por meio do conceito de *remoção* do sujeito, Comrie relaciona as construções da chamada "passiva impessoal" (*se*-verbo) com as de "passiva pessoal".

Como resenhamos acima, esse mesmo conceito é retomado por Dutra (1981) para falar na "sinonímia" existente entre as sentenças:

as provas foram adiadas

adiaram-se as provas

adiou-se as provas, etc (cf. pág. 33 acima.) .

Esta afirmação sobre a sinonímia decorre, no modelo relacional, de uma concepção de linguagem desprovida de caráter interacional, pois, como diz Orlandi: "as diferentes paráfrases estabelecem diferentes relações de interlocução" (1983 : 115) e, portanto, diferentes efeitos de sentido, diferentes significações. Entretanto, paradoxalmente, Dutra assinala a importância do "contexto pragmático" no estabelecimento das funções do *se* nas sentenças. Do meu ponto de vista, essa afirmação é plenamente válida, mas discordo da caracterização de contexto pragmático feita por Dutra. Na concepção pragmática adotada aqui, esse contexto não é exterior, nem posterior, (cf. na pág. 34 acima a citação da autora onde diz que as estruturas pragmáticas são "sensíveis" ou "resistem às investidas" do contexto pragmático), mas *constitutivo* das construções lingüísticas ⁹.

Em maior ou menor grau, todos os trabalhos re-
senhados, ao centralizarem os estudos na determinação das
funções de *se*, no que diz respeito às entidades referidas
(refletidas) ou não pelo pronome nos enunciados, abordam
o fenômeno privilegiando a função referencial - informativa
da linguagem, desconsiderando, dessa forma, (ou levando
em conta de modo insatisfatório) a interacional-argu-
mentativa.

Com o intuito de estudar o tema na perspectiva
da interlocução estabelecida na (e pela) linguagem, apre-
sentarei, a seguir, uma abordagem baseada na Análise do
Discurso.

NOTAS DA PRIMEIRA PARTE

1. A propósito desta questão, Hadlich mesmo diz que sua gramática é imprecisa neste ponto, já que a aplicação das regras que ele propõe sugere que nunca é possível a inclusão do agente em frases de passiva com se. Contudo, ele admite que às vezes encontram-se certos empregos em que ele aparece, e cita o exemplo de Gili Gaya "se firmô la paz por los embajadores". No entanto, Hadlich observa que "la mayor parte de los hablantes español consideraría esto anormal o, por lo menos, una oración poco frecuente". Ele deixa para análise posterior o estabelecimento das condições em que seria "permisible" o uso do agente.
2. Em nota de pé de página, Hadlich informa que na primeira redação do livro, frases como nossa (7) *se bebe mucho allã* eram derivadas de uma estrutura subjacente como *uno bebe mucho allã*. Ainda que isso não seja mantido na redação definitiva de sua gramática, a diferença com essa interpretação não é muito evidente.
3. O exemplo pertence a Contreras.
4. Isto já tinha sido observado por Otero (1966 "El otro se" Letras I, 49-57. Londres) e outros lingüistas gerativistas.

5. Os exemplos de evidência sintática pertencem a Suñer.
6. Seguindo a variedade de espanhol de que se trate, essa afirmação pode não ser válida.
7. O exemplo pertence a Aid.
8. Cf. págs. 45-50 e 59-64, da segunda parte.
9. Cf. IIIc, na segunda parte.

SEGUNDA PARTE

UMA ABORDAGEM DISCURSIVA DO FENÔMENO¹

Segundo a concepção discursiva da linguagem, para qualquer produção lingüística sempre ocorrem dois componentes: o *lingüístico* (as condições materiais de base, os produtos lingüísticos, aquilo que é sistemático nas línguas) e o *discursivo* (o processo de significação das formas lingüísticas na interação humana, ou seja, os efeitos de sentido entre interlocutores) (cf. Pêcheux, 1975 : 16). Embora esses componentes sejam interdependentes e, nesse sentido, não se pode estudar um sem se referir ao outro, é possível se focalizar cada um deles, em sua especificidade.

Assim, uma preocupação crucial nos trabalhos de Análise do Discurso é a de abordar fatos de linguagem, explicitando, por meio da análise, o funcionamento discursivo das marcas formais. E, como já indiquei, esse é o meu objetivo com respeito a enunciados que contenham o chamado "se impessoal".

I. QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICA DA LINHA DE ANÁLISE DE DISCURSO ADOTADA NESTE TRABALHO

Apresentarei aqui somente o quadro conceitual básico da Teoria do Discurso. Ao abordar os exemplos, retomarei de forma mais específica os conceitos com os quais opero no decorrer da análise.

A consideração das *condições de produção discursiva* (Pêcheux, 1969 : 16-23) é um dos principais fatores que distinguem a conceptualização da linha de Análise de Discurso aqui adotada, das que somente vêem o discurso como soma de frases e, sua análise, como a extensão a seqüências lingüísticas maiores, dos procedimentos segmentais que a Lingüística Distribucional aplicava na análise de frases. Exemplo disto são o trabalho de Grimes (1975), baseado na concepção tagmêmica de Pike, e o trabalho de Harris (1963). Outrossim, nos trabalhos desenvolvidos na denominada Teoria do Texto - Halliday (1976), Van Dijk (1977) - ainda que sejam incluídas considerações de natureza semântica ao estudar a estruturação textual² o enfoque sequencial continua prevalecendo.

O estudo das condições de produção comporta:

A) *Os participantes* (os interlocutores) na interação lingüística, considerados enquanto sujeitos determina

dos social e situacionalmente e sobre os quais opera a chamada "ilusão discursiva", que funciona através dos denominados *esquecimentos*: o nº 1 possibilita que o locutor acredite ser a fonte exclusiva do sentido do seu discurso, esquecendo-se da existência das formações discursivas e ideológicas em que todo discurso sempre está inserido; o nº 2 corresponde ao ocultamento semi-consciente da seleção lingüística que o falante faz entre o que é dito e o que deixa de ser dito (cf. Pêcheux, 1975:13). Os esquecimentos funcionam também no interlocutor, que participa ativamente da produção do discurso.

Reduzir a produção de linguagem ao resultado automático da determinação de classe social e ideologia dos interlocutores, representa uma mera caricatura da complexidade do fenômeno lingüístico. O que se pretende, com a Análise do Discurso, é recuperar os fatores sociais, que durante muito tempo foram excluídos da reflexão lingüística, mas sem restringir a abordagem à exclusividade desses fatores de natureza social. O sujeito protagonista de linguagem não é "nem um sujeito absolutamente dono de si, nem um sujeito totalmente determinado pelo que lhe vem de fora. O espaço da subjetividade na linguagem é tenso" (Orlandi, 1983: 177). Por outro lado, não se trata de procurar os reflexos dos fatores sociais no conteúdo dos textos, mas de observar, na linguagem, o processo da constituição social de seu funcionamento.

B) *O objeto do discurso*, que não há de ser concebido como mero referente de realidade física, mas como

objeto imaginário constituído na relação de interlocução, pelo ponto de vista dos sujeitos. Esta conceituação do objeto do discurso torna fundamental o papel da noção de *argumentação* (da qual trataremos no decorrer da análise).

Não somente o objeto do discurso (B), mas também os interlocutores (A) funcionam através de *formações imaginárias*. Essas formações são projeções, no texto, da relação entre a situação, objetivável e definível, e as representações, ou seja a posição dos interlocutores, do referente e dos usos da linguagem, no discurso.

Quanto aos traços concretos que configuram a situação dos protagonistas, Sophie Moirand apresenta um esquema que os sistematiza (cf. pág 56 abaixo). Ela inclui a consideração de: o *estatuto social*, que é relativamente estável dentro da estrutura de uma determinada formação social e é definido pela Sociologia. A *história*, que é o passado socio-cultural-pessoal dos protagonistas da interlocução. O *papel*, que muda segundo as diferentes relações interpessoais que os sujeitos estabelecem (pai, empregado, vizinho, etc.). A *atitude*, que pode ser hostil, indiferente., etc., de acordo com a estratégia discursiva-argumentativa adotada pelos participantes. O *grupo* a que os protagonistas pertencem e o *grupo de referência* ao qual podem desejar pertencer e do qual imitam modos de vida e linguagem.

Mas, como já dissemos, o que funciona, no discurso, são as formações imaginárias. Como diz Pêcheux:

"il serait naïf de supposer que *la place* comme faisceau de *traits* objectifs fonctionne comme telle à l'intérieur du processus discursif; elle y est représentée, c'est-à-dire présente, mais transformée (1969:19).

O outro parâmetro de análise (além da consideração das condições de produção) é a caracterização do processo de produção discursiva, que consiste na explicitação e sistematização do conjunto de mecanismos formais (essencialmente morfo-sintáticos) que produzem um tipo de discurso dado. O processo de produção é de natureza semântica, ou seja, essa determinação dos mecanismos morfo-sintáticos não se concebe aqui como a enunciação de regras abstratas, mas como a explicitação do modo como se organiza o dizer para significar (cf. Orlandi, 1978 : 36).

Há três distinções terminológicas feitas por Pêcheux (1975:24) em relação ao processo de produção discursiva que são conceptual e analiticamente úteis. Elas são: a) a superfície lingüística, que é o objeto empírico constituído pela seqüência oral ou escrita, afetada pelos esquecimentos 1 e 2 referidos acima; b) o objeto discursivo, que é o objeto teórico resultante de uma análise lingüística que anula o esquecimento nº 2, ou seja, fica evidenciada a seleção lingüística a nível da enunciação; e c) o processo discursivo, que é o objeto teórico resultante de uma de-sintagmatização que afete o esquecimento nº 1.

Gostaria de deixar explícito que, embora eu parta do quadro teórico básico estabelecido por Pêcheux em sua *Analyse Automatique du Discours*, não seguirei seu modelo de análise automática (cf. op. cit. 2a. parte) por considerar que nessa forma de análise o autor utiliza procedimentos ainda muito determinados pelas técnicas do Distribucionalismo.

II. CONCEPTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO

Até aqui, para referir-me ao meu objeto de estudo tenho falado na "chamada construção com *se* impessoal". Gostaria, agora, para defini-lo entre os fenômenos da língua, de situá-lo, tal como o faz Milanez (1982), dentro do grupo dos recursos de *indeterminação* de sujeito. Entretanto, dado que minha abordagem não é de natureza sintático-formal, em vez de falar em *indeterminação* de sujeito, falarei em *indeterminação de agente da ação* expressa pelo verbo, de *experimentador do estado* expresso pelo verbo ou de *causativo do processo* expresso pelo verbo³.

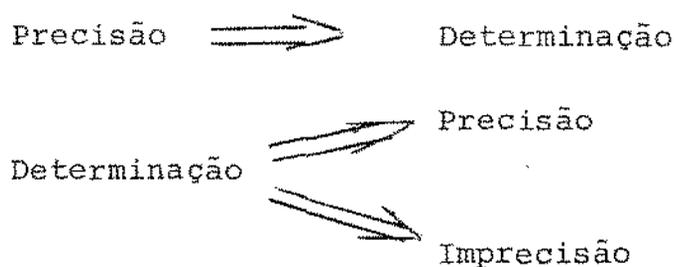
Para delimitar o conceito de *indeterminação* em relação aos de *determinação*, *indefinição* e *impessoalização*, tomo como referência Milanez (op cit.) que, para tanto, leva em conta as noções de *pessoa*, *generalização* e *referência*.

Esta autora define como determinadas as construções lingüísticas que "fazem referência a uma ou mais pessoas do discurso de forma nítida, evidente (e) específica" (op. cit. : 24).

Gostaria, inicialmente, de esclarecer, com respeito a esta definição, que entendo "construções que fazem referência" como o modo abreviado de dizer "construções usadas pelos falantes para fazer referência", uma vez que,

da perspectiva aqui adotada, apenas se justifica falar em "referência" quando concebida como ato de fala. (cf. Searle, 1969:26-8 e 72-95).

Além disso, devo observar que, ainda que a determinação não seja generalizadora, nem por isso é sempre "precisa", ⁴ pois, como bem afirma Blanché: "la notion de détermination est plus large que celle de précision: la première est impliquée par la seconde, mais sans réciprocité" (1969:55)). Esquematizando, temos:



Assim, a indefinição é imprecisa, mas determinada. No caso dos indefinidos na língua, dado seu caráter quantitativo, a generalização que expressam é sempre *limi*tada a um conjunto de elementos, do qual referem a totalidade (todos), o esvaziamento (nenhum) ou a parcialidade (alguns) (cf. Blanché, op cit: 54-5, e Milanez 1982: 39 - 41).

O outro conceito em relação ao qual a indeterminação se distingue é o de impessoalização. Milanez (op. cit.) o caracteriza como uma propriedade de certos verbos que, por sua natureza, não são usados com sujeitos que possuem função referencial ⁵, ao passo que a indeter-

minação envolve sempre uma referência.

Entendemos, então, que são indeterminadoras aquelas construções que "exprimem generalização, podendo envolver, in distintamente qualquer uma das três pessoas do discurso ou as três de uma só vez" (op cit : 25).

Devemos considerar ainda que a indeterminação é expressa por recursos linguísticos diversos e que é característico deste fenômeno ocorrer com verbos que requerem agentes, experimentadores ou causativos humanos.

A enumeração dos recursos indeterminadores mais freqüentes em espanhol:

- 1) Construção se-verbo
- 2) Uso de uno
- 3) Uso genérico-hipotético do pronome tú (vos) /
usted
- 4) Uso genérico-hipotético do pronome yo
- 5) Uso de infinitivo
- 6) Uso generalizador de FNs como "la persona", "el
hombre", etc..
- 7) Uso do verbo em 3ª pessoa plural sem agente
- 8) Uso da chamada voz passiva ou o uso de parti-
cípios, sem agente ⁶

Dentre eles, como já foi dito, focalizarei o estudo da construção indeterminadora se-verbo com o objetivo de estabelecer hipóteses explicativas de seus funcionamentos discursivos.

III. A ANÁLISE

a) O Corpus e o Critério Adotado para o Tratamento dos Dados

A adoção da linha teórica de Análise do Discurso comporta algumas exigências metodológicas com respeito ao tipo de material lingüístico a ser considerado.

Trabalhando segundo esta orientação, o lingüista não pode criar os exemplos sobre os quais basear sua reflexão. O corpus, então, há de estar composto por amostras de linguagem autêntica, em uso. E, na análise, deve ser levado em conta o contexto situacional, para o qual não cabe mais a denominação de "extra-lingüístico"⁷.

Considerações como estas levaram-me a selecionar dados em que fosse viável, sem muita dificuldade, a recuperação dos fatores contextuais e dos pressupostos e subentendidos dos textos. É por esse motivo que o material que examino provem, na maioria dos casos, de situações das quais participei como destinatária e das quais tenho, então, razoável domínio.

Como antecipei na Introdução, trabalho basicamente com dados extraídos de exemplos de discurso de tipo epistolar. Os textos foram obtidos a partir do exame de

160 cartas.

O discurso epistolar é definido por Sophie Moirand como a correspondência remetida a distância através do canal de distribuição oficial de serviços postais e telegráficos de uma determinada sociedade (ou de mais de uma, quando se tratar de correspondência internacional, como nos fragmentos de discurso que cito neste trabalho). Ficam excetuadas do tipo de discurso epistolar pleno as cartas de caráter publicitário e as cartas de leitores dirigidas a jornais e revistas, porque nestes dois casos a produção está relacionada a situações de imprensa e propaganda possuindo, então, características tipológicas próprias dos discursos produzidos no quadro dessas instituições (cf. S. Moirand, 1979 : 99).

O corpus selecionado é principalmente constituído então, por material pertencente à variedade da língua escrita.

A respeito da distância ou proximidade entre a oralidade e a escrita, Deborah Tannen (1982) fez um interessante estudo no qual, partindo das caracterizações que de ambas as variedades fizeram Ochs (1979) e Chafe (1979) e comparando narrativas escritas e faladas, conclui que as diferenças atribuídas, por grande quantidade de pesquisas lingüísticas à natureza oral ou escrita dos discursos, na verdade, são resultado dos estilos a que pertencem os dados escolhidos para fundamentar as análises. Por exemplo, Chafe, em seu trabalho de 1981 "Integration and involvement in

speaking, writing and oral literature", cita quatro tipos de estilos: fala informal (conversas na mesa), escrita in formal (cartas), fala formal (palestras acadêmicas) e escrita formal (prosa acadêmica); mas ao propor a distinção entre oralidade e escrita, contrapõe e analisa os estilos mais distantes, ou seja, aqueles que se opõem de forma mais categórica: a fala informal e a escrita formal.

Como meu interesse é o de observar o funcionamento discursivo da construção indeterminadora se-verbo em sequências lingüísticas pertencentes ao discurso cotidiano, selecionei, dentre os exemplares de tipo epistolar, os que correspondem à espécie familiar/amistosa, por ser esta uma das situações de escrita mais próximas da variedade oral - coloquial (cf. Moirand, 1979: 104 e Perini, 1981).

Ainda que a descrição exaustiva das estruturas do discurso cotidiano resta a fazer, é de relevância a caracterização global desse tipo discursivo feita por Grize (1981), segundo a perspectiva semiológica da lógica natural. Para Grize, o cotidiano é um discurso de estrutura factual-dedutiva, em que se misturam fatos e valores visando a atingir um interlocutor particular em situação localizada no espaço e no tempo e que explicitamente pretende ter validade local.

Sobre o problema da constituição dos corpora nos trabalhos de Análise do Discurso, Maingueneau (1976 : 18) diz que a escolha dos tipos de discurso utilizados nas análises está também relacionada à questão da estratégia heu-

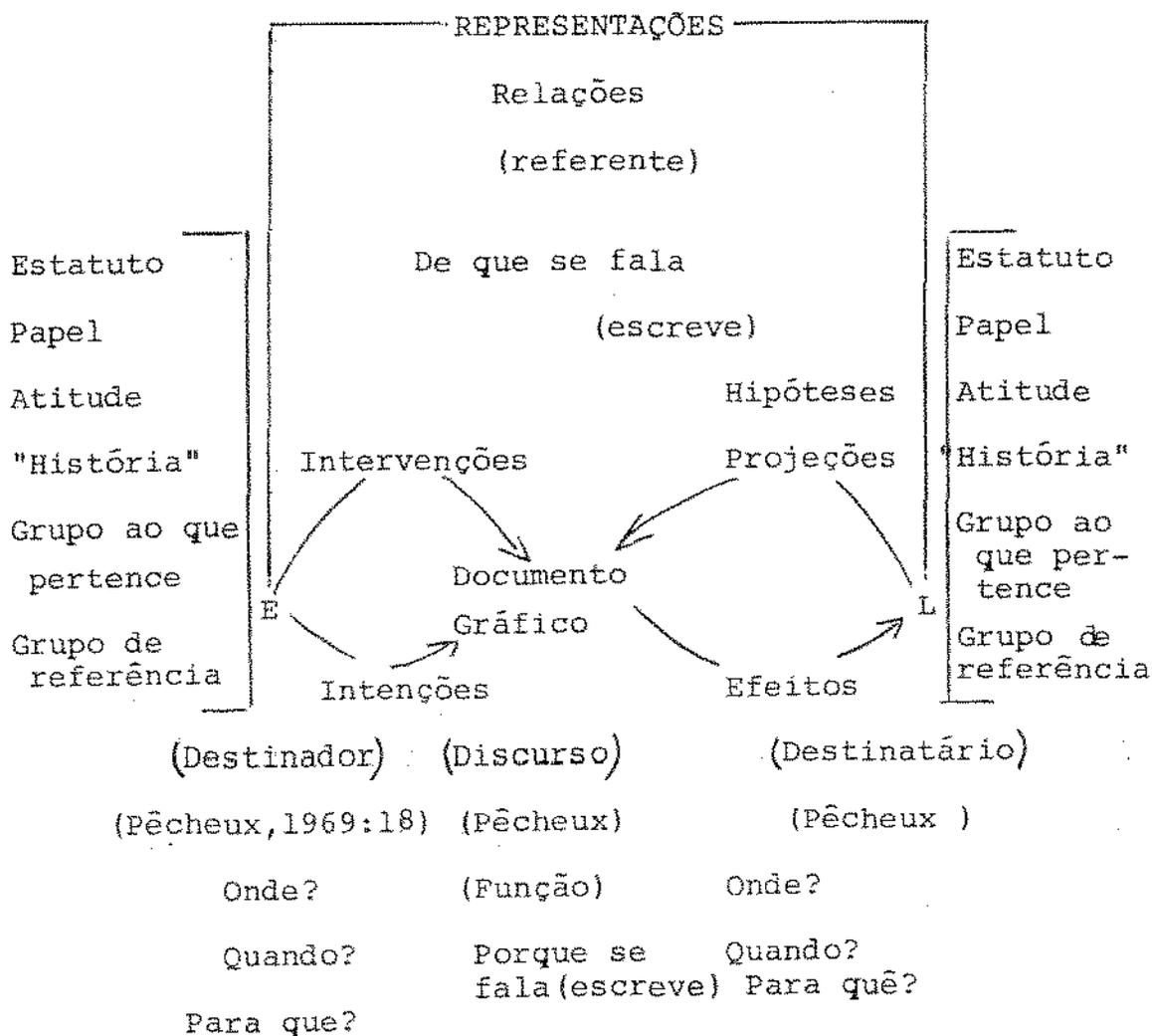
rística da área⁸. Por exemplo, a abundante seleção de discursos políticos em análises realizadas na década de '70 deveu-se à estratégia heurística inicial desta linha de trabalho, que consistia em escolher tipos de discurso nos quais a articulação entre os dados e as condições de produção fosse a mais imediata possível. Nesse sentido, a escolha do tipo de discurso epistolar neste trabalho é também estratégica, pois visa contribuir para a ampliação progressiva dos diferentes tipos considerados nos trabalhos desta linha analítica.

Para a manipulação dos dados o critério adotado é o *qualitativo*. E aqui parece-me oportuno citar Beatriz Lavandera quando fala a respeito da preferência do critério metodológico qualitativo sobre o quantitativo, já que ela teve uma ampla experiência com o método quantitativo quando membro da equipe de W. Labov. Esta autora diz: "In order to quantify several steps must be taken which I see obscuring rather than revealing the facts. (...) An unwanted consequence of quantifying on a corpus is that all the examples are lumped together and given equal weight" (1982: 5)⁹. Assim, concordamos com sua hipótese de trabalho que consiste na exposição da análise de amostras que revelam com clareza o fenômeno que se quer pôr em evidência, uma vez que, como bem ela diz, reforçando afirmações de Hymes nesse sentido, um único uso efetivo de uma forma lingüística, inserida no texto em que acontece, pode revelar mais sobre a contribuição semântica que essa forma pode fazer ao discurso, e sobre o sistema ao qual pertence,

do que a descrição dos contextos nos quais é mais frequente e, portanto, menos marcada (cf. Lavandera, 1984:102).

b. Considerações Preliminares à Abordagem dos Exemplos

No levantamento dos fatores contextuais que intervêm na produção discursiva dos exemplos que abordaremos, é de utilidade o esquema dos componentes de base de uma situação de escrita, proposto por Sophie Moirand (1979:10):



Condições de produção

..... Condições de Recepção..

(Aqui prefiro a terminologia de Orlandi: "Condições de Produção de leitura". Por isso, eu acrescentaria no quadro, na linha dos efeitos, também uma seta na direção oposta, e prolongaria a linha em direção ao destinatador).

A meu ver, este gráfico permite refletir sobre a maneira como o esquema informacional da comunicação é modificado na perspectiva discursiva. Como diz Pêcheux (1969: 18), esse esquema informacional, tal como o apresentava, por exemplo, Jakobson (1963 : 214), já tem a vantagem de introduzir a consideração dos participantes (o que não acontecia no esquema skinneriano de estímulo-resposta). No entanto, a concepção discursiva salienta ainda que o que acontece entre os protagonistas não é necessariamente "*transmissão de informação*", mas "*efeitos de sentidos*". Portanto, para designar a sequência verbal produzida na interação lingüística, em vez do termo "*mensagem*", fala-se em "*discurso*". No gráfico acima, este aspecto interacional está expresso pelas setas que, no eixo "Representações" vão em direção tanto ao destinatário como ao destinador, indicando, assim, que a perspectiva discursiva não concebe o destinatário como receptor passivo, mas como protagonista que participa *ativamente* da produção do discurso. Esta participação está compreendida na noção de *antecipação* (cf. Pêcheux, 1969:20), que é o mecanismo de regular as respostas ou hipóteses do destinatário, e sobre a qual compõe-se a estratégia do discurso.

A antecipação funciona no jogo das formações imaginárias. Estas foram sistematizadas por Pêcheux (1969:18, 19 e 20) através dos símbolos A, B e R, correspondendo A ao enunciador, B ao destinatário, e R ao objeto do discurso. Dessa forma, ele distingue um grupo de imagens de primeiro grau: IA (A) - a imagem imagem que o enunciador tem de si mesmo; IA(B) - a imagem que o enunciador tem

do destinatário; IA(R) - a imagem que o enunciador tem do objeto de seu discurso, e igualmente para o destinatário: IB(B), IB(A), IB(R); e distingue também outro grupo de imagens mais complexas produzidas pela antecipação: IA (IB(A)) - a imagem que o enunciador tem da que o destinatário faz do enunciador; IA(IB(B)) - a imagem que o enunciador tem da que o destinatário faz de si mesmo, IA(IB(R)) - a imagem que o enunciador tem da imagem que o destinatário faz do objeto do discurso e, analogamente: IB(IA(B)), IB(IA(A)), IB(IA(R)), etc..

A consideração da antecipação nas formações imaginárias ao fazer, com que o referente seja concebido como *ponto de vista* de um sujeito, implica numa concepção argumentativa dos enunciados.

Nesse sentido, uma abordagem discursiva de exemplos lingüísticos, tal como a entendemos aqui, comporta a observação dos recursos utilizados pelo locutor para *argumentar*.

O valor argumentativo não decorre somente das informações. Como bem indica Ducrot, a função argumentativa tem marcas na estrutura mesma do enunciado: "la phrase peut comporter divers morphèmes, expressions ou tournures qui, en plus de leur contenu informatif, servent à donner une orientation argumentative à l'énoncé" (1973: 226).

Segundo a orientação dos trabalhos mais recen-

tes desenvolvidos na área da Semântica Argumentativa, argumentar não é somente procurar convencer ou persuadir, nem só uma forma derivada da demonstração (cf., por exemplo, Ali Bouacha e H. Portine, 1981:4). Argumentar, nesta perspectiva, é o que faz o sujeito do discurso ao operar através da seleção lingüística para significar, constituindo *representações* de modo que pareçam aceitáveis a um auditório (destinatário) em um contexto particular.

Para Vogt, "o ato de linguagem tem um duplo sentido: o da ação que se pratica quando se produz um enunciado e o da representação dramática que estabelece as próprias condições para o desenvolvimento desta ação. Ato de falar e ato de representar, a um só tempo" (1981:153). Por isso, a noção de *intenção* é concebida, nesta perspectiva, não como um conceito psicológico que intervém previamente à produção lingüística e sim como um conceito hermenêutico *constitutivo* do jogo argumentativo da/na linguagem (cf. Vogt, 1981: 137, e Attié Figueira e Vogt, 1984: 37-46).

Os recursos argumentativos da variedade escrita diferem dos da oralidade. Neste último caso, é imprescindível levar em conta as variações de ritmo e entoações, o sistema de pausas, os elementos fáticos, os enunciados inconclusos, etc..¹⁰. Como a maior parte do corpus deste trabalho corresponde à variedade escrita, tomarei como referência a definição de G. Vignaux para a argumentação escrita: "Classe de discours que comporte au moins les deux caractéristiques suivantes: 1. Être structuré en propositions ou thèses

que constituent un raisonnement et traduisent directement ou indirectement une ou la position de l'orateur (assertions, jugements, critiques). E 2. II renvoie toujours à un autrui, que cet autrui soit individualisé ou non individualisé (un homme, un groupe, un état déterminé de la société, de l'opinion générale, de la science) et que il soit explicitement marqué ou non dans le discours (citation, allusion à la personne, propositions générales sur une situation " (1976:58).

Não desconhecemos as dificuldades que reveste uma abordagem deste tipo no atual estado da pesquisa em Análise do Discurso. Tal como dizem Ali Bouacha e H. Portine, na Apresentação à *Langue Française* 50 "Argumentation et Énonciation", o analista, obrigado a registrar a dimensão social dos fenômenos discursivos, pode, por prudência, deixar a argumentação fora de seu campo de investigação; ou pode, dada sua importância, resolver levá-la em conta. Como expus acima, esta última alternativa epistemológica é a adotada neste trabalho, por considerarmos que este tipo de reflexão sobre os usos da linguagem é reveladora de interessantes aspectos de sua natureza e funcionamento.

Segundo Halliday (1977:146), os múltiplos usos sociais da linguagem podem ser reduzidos a três macrofunções: a *ideacional*, que no nível da estrutura oracional realiza-se na transitividade, através da qual expressamos nossa experiência dos processos tanto do mundo exterior quanto do interior. A esta função correspondem as noções

de agente, ação, fenômeno, participantes, alvo, etc.: a *interpessoal*, que é a língua como ato de fala; e a *textual*, à qual correspondem as noções de dado e novo, tema e rema ¹¹.

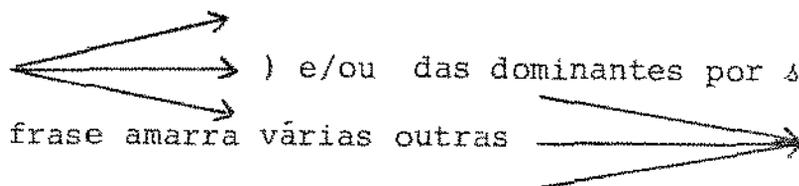
Na abordagem dos enunciados com a construção indeterminadora *se-verbo* em espanhol, formularei hipóteses explicativas de seus usos, focalizando a função *interpessoal* da linguagem e tomando como unidade o *texto*, concebido como unidade pragmática de significação, e não como soma de frases, tomadas em sua disposição linear (cf. Orlandi, 1983:128 e Kléiman, 1984).

A metodologia de Análise do Discurso fornece vários procedimentos para evidenciar, a partir da *superfície lingüística*, o processo que produz um dado *objeto discursivo* (cf. pág 49 acima). Esses procedimentos de de-superficialização dão recursos para a análise lingüística dos mecanismos sintáticos e de enunciação dos textos. Neste trabalho opero com os seguintes procedimentos metodológicos:

A) *Funcionamento textual das construções sintáticas*, que comporta:

1. A hierarquização das dependências funcionais das frases entre si e das orações dentro das frases. Esta hierarquização é relativa à direção argumentativa dos textos e não à mera concentração de informação nas frases. Daí a diferença conceitual com as análises que determinam as chamadas "topic sentences" ou frases

de maior densidade informativa. Neste ítem tratarei das frases dominantes em *expansão* (uma frase domina várias outras que sustentam o argumento da primeira

) e/ou das dominantes por *saturação* (uma frase amarra várias outras).

2. A descrição das formas de frase predominantes e sua significação textual.

3. A explicitação dos operadores semântico-discursivos nas pausas mais relevantes. Aqui é necessário lembrar que para a Análise do Discurso, as vírgulas, pontos, dois pontos, etc. não são brancos semânticos mas têm o papel de implicitar conectivos semanticamente polivalentes. (cf. Pêcheux, 1969 : 40).

4. A observação da intertextualidade, considerando aqui a relação de um discurso com outros existentes ou possíveis, isto é, com suas paráfrases e com seus implícitos, observadas suas condições de produção discursiva.

B) Caracterização discursiva da seleção lexical, que inclui:

1. O levantamento dos substantivos mais salientes na argumentação.

2. A descrição da modalização, a) *lógica* (ne-

cessidade, probabilidade, etc.) e b) *apreciativa* (adjetivação, adverbialização, etc.¹²).

3. A caracterização do emprego textual dos verbos, considerando sua força ilocucional.

Embora trabalhe com estes procedimentos, enfatizarei, em cada texto particular, aqueles que permitam operar com os *recortes* (cf. Orlandi, 1983:128)¹³ mais relevantes para evidenciar o funcionamento discursivo da indeterminação em cada caso.

Quanto à noção de *Funcionamento Discursivo*, entendendo-a como "atividade estruturante de um discurso determinado por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas" (Orlandi, 1983:53)¹⁴.

c. Abordagem dos Exemplos

Tendo como objetivo estabelecer hipóteses explicativas de funcionamentos discursivos da construção indeterminadora *se-verbo*, opereirei da seguinte maneira:

Em um primeiro momento, selecionei das 160 cartas que compõem o corpus, os dados contendo a marca formal mencionada. O critério de delimitação dos fragmentos foi o da unidade do assunto.

Em um segundo passo, analisei os textos explicitando, por meio dos procedimentos referidos em III.b, o processo de produção do discurso, visando a passagem do nível da *superfície* para o nível do *objeto* discursivo.

O terceiro passo consistiu na aplicação dos critérios da tipologia interacional de Orlandi (1983 : 9,10, 142 e 206 e 1984b:6-7) para classificar o material segundo a distinção que a autora faz em discursos lúdicos, autoritários e polêmicos.

Dado que concordamos com Vogt em que as representações são propriedades das línguas naturais, já que " a pergunta pelo modo (de falar) é também a pergunta sobre como eu me represento e ao outro, no ato de linguagem que pratico " (Vogt, 1981: 152), o quarto passo, no percurso da análise, foi caracterizar o funcionamento discursivo da marca formal que nos ocupa em relação às representações dos protagonistas da/na enunciação.

Através da consecução desses quatro passos, foi possível agrupar os dados de nosso corpus em torno de cinco funcionamentos discursivos.

Dados Relativos às Condições (Gerais) de Produção Discursiva.

Antes de apresentar a amostragem de cada um dos grupos, referir-me-ei às condições de produção dos textos do corpus em geral.

O *onde* e o *quando* das condições de produção são quase coincidentes para a maior parte dos fragmentos: eles foram extraídos de cartas Buenos Aires-Campinas, remetidas entre março de 1980 e dezembro de 1982. Quando a *procedência* ou data de alguma amostra for diferente, será especificado nos dados relativos às condições de produção específicas de cada texto.

Quanto aos *remetentes* (*enunciadores*), todos são falantes nativos da variedade regional de espanhol rioplataense e pertencem (com alguma ou outra variante, que será especificada quando for relevante para a análise) à classe social média-média. E todos (com exceção de um, cujos dados serão detalhados posteriormente) encontram-se na faixa etária dos 25 aos 35 anos e têm formação universitária.

A *destinatária*, em todos os casos, sou eu mesma, argentina, residente no Brasil desde 1980. (Fornecerei mais dados quando for necessário para a abordagem de cada exemplo em particular).

Para falar do *para quê* dos textos neste nível das condições gerais de produção, é necessário levar em consideração as características do *tipo* - institucional - de discurso ao qual pertencem as seqüências lingüísticas e a forma legitimada historicamente desse tipo. Como diz Orlandi: "Os tipos se estabelecem como *produto* dessa institucionalização (da linguagem) e se fixam como padrões. Dessa forma, eles entram como tipos nas condições de pro-

dução de qualquer discurso: o produto (tipo) se recoloca como processo" (1983:206).

De um modo geral, a finalidade (o *para quê*) de cartas familiares e amistosas é entendido como sendo a de manter o contato interpessoal à distância.

Para descrever como este tipo de discurso é concebido tradicionalmente, parece-me útil reproduzir as indicações que, na área de pedagogia de línguas, fazem Wishon e Burks para a escrita de cartas pessoais: "1. Ask about the person you are addressing. Keep the tone cheerful and sincere. 2. Tell news of interest to him. 3. Talk about mutual friends. 4. Talk about yourself as possible. (Friendly letters require the same attention that you would give to a conversation. You would certainly not talk about yourself all the time in a conversation and you should not do so in letters. 5. Write as if you were having a conversation with your friend " (Wishon e Burks, 1968:383).

Funcionamento Discursivo nº 1

Para evidenciar este funcionamento, apresentarei, primeiramente, a análise dos exemplos A, B, B', C, D e E até o 3º passo da mesma. Retomarei, depois, os seis exemplos conjuntamente para a exposição do 4º passo.

Exemplo A

^a
"Al Espero que no tomes a mal lo que voy a escri-
bir, pero ^bque no hayas (hecho X) por no haber tenido dine-
ro me preocupô mucho. A2 ^aQue salgas, te compres cosas y
viajes estâ muy bien, pero ^bque no tengas nada ahorrado es-
tâ muy mal. A3 La verdad que me dolió mucho. A4 Creo que
tenías otra escuela en casa. A5 ^aHasta en los momentos
mâs críticos siempre pudimos responder porque ^bsi se gana
20, se guardan 5".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

No caso específico do exemplo A, a remetente é uma senhora na faixa etária dos 50-55 anos, com formação escolar secundária e ocupação de dona de casa. O lugar social representado pela enunciatória neste exemplar de linguagem é o de mãe da destinatária do discurso.

O referente-base do discurso da remetente é um dado fornecido pela destinatária em uma carta anterior e sobre o qual a enunciatória está se manifestando em A.

O Processo de Produção

A) Funcionamento Textual das Construções Sintáticas

Entre A₁ e A₂ pode ser recuperado um operador

implícito que estabelece uma relação explicativa:

A₁ "Espero que no tomes a mal lo que voy a escribir, pero que no hayas (hecho X) por no haber tenido dinero me preocupó mucho"

(porque)

A₂ "Que salgas, te compres cosas y viajes está muy bien, pero que no tengas nada ahorrado es tá muy mal"

O verbo "dolió" em A₃ retoma ("a progressão de um texto não se faz por acúmulo, mas também por retomadas "Orlandi, 1983:172) as proposições A2b e A1b. Por sua vez, elas (A1b e A2b) estão ligadas na rede textual por uma relação implícita conclusiva.

A₄ está ligada a A₃ por um conectivo implícito na pausa interfrástica que estabelece também uma relação explicativa:

A₃ "La verdad que me dolió mucho"

(porque)

A₄ "Creo que tenías otra escuela en casa"

Seria insatisfatório, do ponto de vista discursivo, afirmar que em A₄ a locutora expressa simplesmente uma crença. A função textual de A₄ é a de representar a

surpresa (indignação?) da enunciadora, assim como a de produzir o efeito de sentido de cobrar da destinatária o fato de não agir como se expõe em A5b. A meu ver, A4 amarra os argumentos da preocupação (A1b) e da dor (A3), e expande em A5: "Hasta en los momentos más críticos siempre pudimos responder porque si se gana 20, se guardan 5."

A construção em A5b corresponde ao que Maingueneau e Grésillon, em "Polyphonie, proverbe et détournement" (1983), definem como "détournement" (desvio), ou seja, enunciados que sem pertencer estritamente ao estoque de provérbios reconhecidos, possuem marcas lingüísticas que predominam na enunciação proverbial. Essas marcas, presentes em A5b, são: simetria fonética e prosódica, enunciação breve, estrutura binária e prevalecimento de marcadores temporais de presente genérico.

B) Caracterização Discursiva da Seleção Lexical

A é um texto onde há pouca nominalização. Do ponto de vista da função referencial, o substantivo mais saliente, a meu entender, é "dinero" (A1). Entretanto, na estratégia discursiva do texto, é "escuela" (A4) que ocupa essa posição de saliência. Essa função argumentativa já foi exposta acima, ao tratarmos do funcionamento de A4.

Os casos de modalização apreciativa com "mucho" em A1b e A3 têm a função de intensificar o efeito de sentido

dos argumentos de preocupação e dor introduzidos pelos verbos em la pessoa "preocupô" e "doliô". Por outro lado, observamos que através das expressões modalizadoras em A₂ " muy bien", "muy mal", a enunciadora representa de modo maniqueísta o objeto de seu discurso.

O único emprego de modalização lógica é com o verbo *poder* (A5a) exprimindo capacidade, potencialidade¹⁵. A identificação dos agentes correspondentes à primeira pessoa do plural da desinência em "podimos" é possível a partir do próprio contexto lingüístico: o adjunto adverbial "en casa" (A4) circunscreve os agentes à família das interlocutoras.

Tipo de Interação Discursiva

A seguir, aplicarei os critérios da tipologia interacional de Orlandi. Os critérios analíticos da tipologia referida são:

a) Reversibilidade no discurso. Trata-se aqui de observar a relação de interlocução estabelecida, quanto à possibilidade ou não de troca de papéis entre enunciador e destinatário, no discurso.

b) Exposição do objeto do discurso. Através da aplicação deste critério observa-se como o referente discursivo é constituído na linguagem produzida e se está exposto ou oculto pelo dizer.

c) Veiculação da significação. Este critério diz respeito à noção de *polissemia*, a qual pode estar *contida* (o discurso pretende instaurar um único sentido do locutor), *controlada* (vários sentidos são disputados pelos interlocutores no discurso) e *aberta* (há multiplicidade de sentidos igualmente válidos para os interlocutores) (cf. Orlandi, 1983 : 142).

Aplicando esses critérios ao texto A, observamos que a constituição maniqueísta do objeto do discurso, apontada ao explicitar o processo de produção, por ser um dizer que limita os argumentos a termos de bem/mal, funciona reduzindo a exposição do referente ao bloquear a apresentação de outros argumentos que produziriam um objeto de discurso mais exposto ao destinatário.

A reversibilidade do texto, a meu ver, também é reduzida, dado o efeito de sentido criado pela abundância de frases enunciativas categóricas e conclusivas.

Neste discurso, a enunciadora tenta instaurar um sentido único. E isto é principalmente verificável se nos centralizarmos na construção com *se-verbo*. Como disse acima, A5b tem características de enunciação proverbial. E, como afirmam Maingueneau e Grésillon, o locutor do provérbio é também seu enunciador assumindo-o pessoalmente, mas apagando-se atrás de um outro enunciador, o *se*, que garante a validade do provérbio: "Ce *on* qui représente l'opinion commune, la 'sagesse des nations' en l'ocurrence, est un 'agent vérificateur' une

instance susceptible de valider une proposition (...). Ce *on* est un personnage qui participe à la communication, validant une première assertion E_0 dont la vérité est présumée par une seconde E_1 " (op cit. : 113). Desta maneira, a polissemia da linguagem fica contida e outros sentidos possíveis são bloqueados, uma vez que o sentido proposto pela enunciadora é instaurado como único verdadeiro por se sustentar na autoridade proverbial.

O procedimento discursivo em A5b corresponde à denominada "*estratégia de captação*" (cf. Maingueneau e Grésillon: 115), que consiste em utilizar a autoridade proverbial para obter proveito dela, em oposição à de "*subversão*", que consiste em contestar a autoridade proverbial visando a enfraquecer as verdades estabelecidas. Entretanto, concordo com as referidas autoras em que, seja funcionando como estratégia de captação ou de subversão, o "*détournement*" (desvio) é sempre uma prática linguística mascaradora, pois o eu da enunciação é um "eu" que se apresenta como sendo "um outro". Conseqüentemente, esta caracterização de prática linguística mascaradora reforça o que dizemos sobre a escassa reversibilidade do texto.

Exemplo B

"B1 Respecto del asunto (X), espero que se
vaya solucionando. B2 No te desanimes. B3 Nadie ^a dice

que ^bvivir sea fácil, pero ^cpeleando por las cosas y con-
viviendo con el dolor, ^ase aprende a vivir. B4 Es feo
pero ^bnecesario y nadie se salva".

Dados Relativos às Condições de Produção Dis- cursiva

Além dos elementos fornecidos ao mencionar as condições de produção dos textos do corpus em geral, é necessário especificar aqui que a relação entre reme-
tente e destinatária é de amizade.

Quanto ao objeto do discurso, este consiste na manifestação a respeito de um assunto relatado pela destinatária de B em uma carta anterior.

O Processo de Produção Discursiva

Trataremos, conjuntamente, dos itens A e B, ou seja, do funcionamento textual das construções sintáti-
cas e da caracterização discursiva da seleção lexical.

B₁ e B₂ referem-se explicitamente ao assunto do discurso prévio que motivou este texto e introduzem a seqüência composta por B₃ e B₄.

Observamos dois casos de indefinição na es-
colha do pronome "nadie" em B3a e B4b.

O uso de infinitivo em B3b ("vivir"), juntamen

te com a construção *se-verbo*, presente em B3c ("se aprende a viver"), são, segundo Milanez (1982:80), os recursos que exprimem o grau mais alto de indeterminação¹⁶. Uma consideração equivalente sobre o maior grau de generalização da construção *se-verbo* em relação aos recursos *uno e vos-usted* do espanhol é também feita por Lavandera em "Shifting between impersonal and personal in Spanish Discourse" (1984:101).

Aplicando a técnica dos *recortes* (cf. Orlandi, 1983 : 128)¹⁷ para a análise textual, evidenciamos a ligação entre *vivir (...)* *peleando por las cosas y conviviendo con el dolor* e B4a. Em B4b, como já foi apontado, a construção é indefinida.

B4 funciona reforçando a generalização exposta em B3, por meio do argumento de necessidade (escolha do adjetivo "necesario" em B4a), e validando B3 como *máxima* de aplicação geral, pois "ninguém fica livre disso".

A escolha do verbo *aprender* na construção com *se* é crucial para caracterizar o tom didático da teorização existente em B3-B4.

Tipo de Interação Discursiva

Ao aplicarmos os critérios da tipologia interacional de Orlandi, observamos que o tipo de didatismo constituído neste discurso é aquele em que a polissemia está contida, pois, segundo esse dizer, só se aprende

a viver de *um* modo. Esse modo é o exposto pela enuncia-
dora e, uma vez que ele é apresentado como máxima devali-
dade geral, se a destinatária aceitar essa estratégia dis-
cursiva, um *outro* modo seria incabível. Portanto, a re-
versibilidade tende a zero na interlocução aqui proposta.

Através do mecanismo da máxima, o referente do
discurso fica escassamente exposto: "A apresentação de ra-
zões em torno do referente reduz-se ao 'é porque é'" (Or-
landi, 1983:13).

Com a finalidade de ampliar a ilustração dos da-
dos exemplificados pela amostra B, reproduzirei, a seguir,
o exemplo B'. Se bem que não apresentarei sua análise in
extenso, sublinharei as marcas formais que permitiram ti-
rar conclusões relacionadas às de B e às quais farei re-
ferência mais adiante, na consecução do quarto passo no
percurso da análise.

Exemplo B'

"Escribime mucho y largo. Contame de tus expe-
riencias ... ^{B'1} Trata de vivir todo ; sólo en la terri-
ble, dolorosa y fatigosa práctica (lucha) se aprende. Co-
mo me dijo un reciente amigo mío que dice un filósofo ami-
suyo: "Hay que vivir inmundo - con la inmundicia también,
pero nunca ex mundo". ¿ Qué te parece? ¿ no es bárbaro ?
^{B'2} (Y qué me contás de la consejera que sabe aconsejar a los
demás, pero no a sí misma?) Es un detalle..."

Passemos agora a um outro exemplo:

Exemplo C

"C1 Terminó la gran pesadilla. C2 Saqué a X del Liceo. C3 Para poder sacarlo estuve de las 9 de la mañana hasta las 3 y media de la tarde. C4 ^a Cuando me aseguré del banco en el otro colegio, ^b busqué a papá y lo convencí. C5 ^a El quería que fuera yo a solicitar el pase, ^b cosa que era imposible porque yo no figuraba para nada en los papeles del Liceo. C6 Así que fuimos los dos. C7 Papi serio durante todo el tiempo. C8 Él piensa que era bueno para el nene. C9 *No se le puede reprochar por el momento.* C10 Papi no se puede poner nervioso".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

No que diz respeito aos protagonistas do discurso, os dados relevantes para a análise de C são os já expostos ao tratarmos do exemplo A.

O objeto do discurso é a mudança de colégio do filho da enunciadora.

O Processo de Produção Discursiva

A) Funcionamento Textual das Construções Sintáticas

As frases C1 "Terminó la gran pesadilla" e C2 "Saqué a X del Liceo" são enunciativas afirmativas sim-

ples. Estão ligadas entre si por um operador implícito que estabelece uma relação explicativa (porque) e expandem-se (embora retrospectivamente no tempo da narração) em C3, C4, C5, C6 e C7, as quais descrevem o processo de mudança de colégio.

A frase C7 "Papi serio durante todo el tiempo" a nível informacional acrescenta dados sobre a atitude do pai e, textualmente, permite implicitar a manifestação de seu desacordo com a mudança. Dessa forma, C7 encontra-se em relação de oposição semântica com C4b "Lo convencí". A nível argumentativo, C7 é crucial na orientação da estratégia discursiva do texto. Ela possibilita a abertura da seqüência composta por C8, C9 e C10, onde se encontra a construção indeterminadora se-
verbo.

Recuperando os operadores interfrásticos implícitos, podemos observar que entre C8 e C9 a relação existente é de tipo conclusivo; e entre C9 e C10 é explicativa.

C8 "Él piensa que era bueno para el nene"

(por lo tanto)

C9 "No se le puede reprochar por el momento"

(porque)

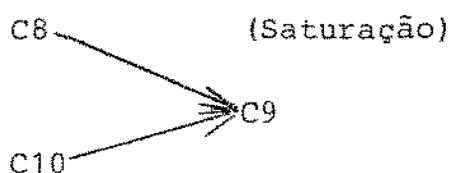
C10 "Papi no se puede poner nervoso"

A linha de raciocínio exposta em C9 e C10 corresponde ao que Ducrot (1977:15) denomina "silogismo com

uma premissa implícita". Entre C9 e C10 a destinatária é levada a inferir que as reprimendas/cobranças causariam um estado de nervosismo ao pai.

Para aprofundar a nível da implicitação discursiva, resta dizer que a enunciadora pressupõe na destinatária: 1) que o fim esperado por esta era o exposto em C1 e C2 e oposto aos implícitos de C7; e 2) que a destinatária já tinha conhecimento do exposto em C10.

Assim, apoiando-se na frase enunciativa C8, a remetente conclui pela generalização negativa de C9. E levando em conta que C10 representa um conhecimento partilhado pelas interlocutoras, a enunciadora reforça argumentativamente a generalização expressa em C9 sustentando-a no argumento implícito de *bom senso*. Esquematizando temos:



Caracterização Discursiva da Seleção Lexical

A escolha do substantivo "pesadilla" (C₁) funciona, no texto, legitimando a validade do evento do qual a enunciadora, através dos verbos em primeira pessoa do perfeito (pretérito indefinido, no paradigma verbal da gramática espanhola): "saqué" (C2), "estuve" (C3), "aseguré, busqué" (C4), "convencí", (C4) se coloca como

sendo seu agente principal.

Podemos dizer que C é um texto pouco modalizado, no que diz respeito à modalização apreciativa. Entretanto, esta aparece em lugares-chaves, isto é, em posições determinantes na organização textual, em vista da orientação da estratégia argumentativa: Em C1 o adjetivo apocopado "gran" intensifica o efeito de sentido de "pesadilla", apontado no parágrafo anterior. Os adjetivos "serio" (C7), "bueno" (C8) e "nervioso" (C10), predicados do pai, do liceu, e do pai respectivamente, são cruciais na estruturação da seqüência C7-C10, da qual já falamos ao tratar do funcionamento textual das construções.

Encontramos modalização lógica em C3, C9 e C10. Nos três casos, esta se dá com o verbo *poder*. O efeito de sentido do infinitivo "poder", presente no adjunto de finalidade "para poder sacarlo" (C3), indica tanto a capacidade, quanto a possibilidade do agente, já que a ação encerrava dificuldades. À diferença do que acontece em C9 e C10, onde, através da forma verbal "puede", a enunciadora produz um efeito de sentido de possibilidade negada: o pai, de fato, *pode* ficar nervoso, mas a enunciadora nega essa possibilidade.

Tipo de Interação Discursiva

Na aplicação dos critérios da tipologia interacional de Orlandi, focalizarei a articulação da seqüên

cia composta por C8, C9 e C10 com os efeitos de sentidos produzidos no (e pelo) texto em sua globalidade.

Na seqüência composta por C8, C9 e C10, a reversibilidade tende a zero, porque a enunciadora reserva para si a exclusividade da constituição semântica do texto através da conclusão categórica em C9, pois não deixa espaço para eventuais propostas da destinatária, por exemplo, de outros tipos de atitude, que não sejam as reprimendas/cobranças, nessa situação.

Esta seqüência, a meu ver, funciona diluindo o referente discursivo. É um dizer que não expõe os argumentos que fundamentam o posicionamento do pai quanto ao tipo de escola. Somente está expresso que ele acha que o liceu é bom, mas não porquê.

A polissemia está contida. A significação unívoca é sustentada no argumento do *bom senso*. Este, como diz M. Debrun, se diferencia do *sensu comum*, em que este último, "aglomerado de opiniões sem conexão orgânica (...) que se apresentam como dogmas avulsos, é diverso no tempo e no espaço. (Pois) existem tantos *sensu comum* quantas classes sociais, regiões e, no limite, bairros" (1981 : 97). O *bom senso*, porém, se identifica por seu caráter *unitário* e universal.

A seguir, apresentarei dois exemplos - D e E - que, apesar de não pertencerem ao tipo de discurso epistolar, pareceu-me ser de utilidade incluí-los a fim de

ampliar a ilustração deste primeiro funcionamento discursivo da construção indeterminadora *se-verbo*.

Exemplo D

Freguesa: Buenos días. Buscaba un pantalón de corderoy azul,recto,sencillo...

Vendedora: (assinalando umas calças diferentes das solicitadas) D1 *Ahora se usan éstos.*

F: Sí, pero ...

V: D2 *Se llaman baggies.*

F: Sí, ya sé, gracias; pero yo quería de los mas angostos.

V: (Sem olhar para a freguesa e fixando a vista nas calças baggies) No tengo. D3 *Ahora se usan así.*

F: (Logo após um gesto com rosto e mãos como dizendo "pena!") Gracias. Voy a ver si encuentro de los rectos. Hasta luego.

Dados Relativos às Condições de Produção

Discursiva

O diálogo reproduzido acima teve lugar em uma loja de roupa em Buenos Aires em julho de 1982. Este exemplo chamou minha atenção pelo emprego da cons

trução *se-verbo* em todas as intervenções da vendedora.

O Processo de Produção Discursiva e o Tipo
de Interação Discursiva

A nível referencial, D1, D2 e D3 são frases por meio das quais a vendedora informa sua freguesa a respeito da moda.

Aplicando os critérios da tipologia interacional adotada para determinar o tipo de discurso estruturado através das construções generalizadoras com *se-verbo* observamos as seguintes características:

Quanto à reversibilidade, podemos notar que com suas falas, a vendedora não se propõe a uma real interlocução, pois ela não se coloca como ouvinte da freguesa. Assim, a vendedora tenta instaurar a monosemia para o objeto do discurso por meio de generalizações categóricas que têm como argumento a uniformidade no vestir.

Com D1, D2, D3, a vendedora produz cortes no processo dialógico, tentando instituir-se como agente exclusivo do discurso.

Exemplo E

Esos Locos Bajitos (Fragmento) Autor: Joan
Manuel Serrat;

ções imaginárias que o enunciador faça de si-IA(A) -, que faça de seu interlocutor - IA(B) - e que faça da que seu interlocutor tem dele - IA (I B(A)) - reproduzam de alguma forma os diferentes estatutos presentes na dissimetria da relação pai/filho.

O Processo de Produção e o Tipo de Interação
Discursiva

No tocante à função referencial explícita, vemos que empregando frases como E1, E2 e E3, o enunciador, através de generalizações, informa a seu interlocutor que a ação não se enquadra dentro dos costumes do grupo social a que pertencem. Mas, por outro lado, se levarmos em conta os efeitos de sentido implícitos, vemos que "eso no se dice", "eso no se hace" e "eso no se toca" funcionam discursivamente argumentando na direção de: *no digas eso, no toques eso, no hagas eso.*

Enunciações do tipo E1, E2 e E3 pretendem instaurar a monossemia própria da convenção social entendida como ordem legitimada de conduta. O objeto do discurso, isto é, o fundamento da legitimação não está exposto, mas oculto na generalização. Assim propõe-se uma relação de interlocução irreversível, já que generalizando, o enunciador dificulta ao interlocutor perguntar o "porquê" típico na instauração de discursos com maior reversibilidade. Em exemplares de discurso como os citados em E, o locutor é o agente exclusivo do sentido, embora

o seja sem se pôr explicitamente em evidência, uma vez que ele não diz "não faça", ele somente diz "isso não se faz", reafirmando a convenção de costumes sociais, entendida como modelo de conduta, como "o que deve ser" (cf. Orlandi, 1983:96).

O Funcionamento Discursivo Nº 1 Da Construção Indeterminadora Se-Verbo Em Relação às Representações Pragmáticas

Segundo a tipologia adotada, que distingue discursos polêmicos, lúdicos e autoritários, os traços sintetizados, para cada exemplo, ao articular a função textual das marcas formais com os critérios reversibilidade, polissemia e exposição do objeto do discurso, correspondem ao discurso de tipo *autoritário*.

Descrevendo o funcionamento das enunciações em A, B, C, D e E, por meio da explicitação da intertextualidade (paráfrases), temos:

A - "Si se gana 20, se guardan 5"

- Si ganás 20, gardá 5¹⁸

B - "Se aprende a vivir (de este modo)"

- Aprendê a vivir (de este modo)

C - "No se le puede reprochar (a papi)"

No le reproches (a papi)

D -"Ahora se usan éstos"

Use éstos

E -"Eso no se dice"/"Eso no se hace"/Eso no se toca"

No digas eso / No hagas eso / No toques eso.

O se funciona aqui *implicitando o vos* (*tū/usted*).

Neste primeiro grupo de exemplos, observamos que com as construções indeterminadoras com *se-verbo*, o locutor expõe argumentos genéricos de *tom proverbial* (A), de *máxima didática* (B), de *bom senso* (C), de *moda* (D) e de *convenção de costumes* (E) que, na realidade, funcionam no discurso como *encontros de ações diretivas*.

Este funcionamento discursivo da construção indeterminadora com *se-verbo* "*institui uma relação de autoridade que, por sua vez, se constitui no fundamento material das representações específicas que, neste e por este ato de linguagem, caracterizam o destinador e o destinatário*" (Vogt, 1981:150¹⁹).

Com respeito ao exemplo B' reproduzido acima, vemos que a destinadora institui essa relação de autoridade, mas, da das as condições de produção próprias de B' (por exemplo, um dado é que a enunciadora não é a mesma do texto B), essa relação de autoridade é desfeita. Para desfazê-la é mister outro enunciado, B'₂, que modifica o tipo interacional de discurso (B' corresponde ao tipo polêmico) e, assim, muda o fundamento das representações que, como diz Vogt, caracterizam os interlocutores por e em cada ato de linguagem.

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 2

Para evidenciar este funcionamento apresentarei a análise dos exemplos F, G, H e I até o 2º passo da mesma. Retomarei, depois, os quatro exemplos conjuntamente para a exposição do 3º e do 4º passo.

Exemplo F

"F1 Nena, ⁱ qué horrible sensación de desarraigo y desolación *se siente* al perder una madre! F2 Máxime en mi caso, donde la pérdida se ha asociado con la carencia afectiva. F3 Todo te parece incierto, sin rumbos, como si te faltara lo más esencial. F4 Si bien es reciente, ^a creo que ^b me va a durar bastante. F5 A pesar de todo, soy un convencido de que no queda otra que seguir adelante, pero ^c ⁱ la pucha cuesta!"

Dados Relativos às Condições de Produção

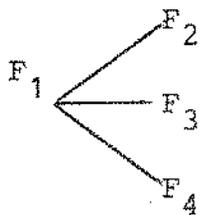
Discursiva

É necessário acrescentar, aos dados gerais já expostos, que este texto se encontra em uma carta cujo objeto principal de discurso é a morte da mãe do remetente, e que a relação entre remetente e destinatária é de parentes co.

O Processo de Produção Discursiva

A) Funcionamento Textual das Construções Sintáticas

A frase exclamativa F1, precedida por um vocativo de tom afetivo "Nena, qué horrible sensación de desarraigo y desolación se siente al perder una madre" é dominante e expande em F2, F3 e F4:



F2 "Máxime en mi caso, donde la pérdida se ha asociado con la carencia afectiva" particulariza a generalização expressa em F1. A oração relativa ("donde ...") explicita o grau do agravamento da sensação descrita em F1, motivado pela situação pessoal do enunciador. De modo que a subordinada explícita, implícita, de fato, uma relação de ordem explicativa.

F3 "Todo te parece incierto, sin rumbos, como si te faltara lo más esencial". Observado o modo pelo qual o texto progride, ou seja, não linearmente, mas por retomadas (cf. Guimarães, 1981b:91-2 e 107-110, e, Orlandi, 1983:128 e 172-3), podemos depreender que os pronomes *te* em "te parece incierto" e em "como si te faltara" ligam F3 com o vocativo anteposto a F1. Entretanto, esse uso da forma do pronome pessoal átono de segunda pessoa, como diz Lavandera, não é

para predicar de fato algo da destinatária, mas sugere seu envolvimento na situação descrita: "It conveys a rapprochement between speaker and listener, it adds a tone of intimacy" (Lavandera 1984:111).

F4 "Si bien es reciente, creo que me va a durar bastante" é a primeira frase do texto com um verbo explícito na 1ª pessoa ("creo"). É possível fazer um recorte que ligue F4 e F1, pois o que é recente é a perda ("perder uma mãe") e, o que vai durar bastante é a horrível sensação de "desarraigo" e "desolación". O *me* em F4 explicita a relação do enunciador com o objeto do discurso, que a generalização da construção indeterminadora "se siente" implícita em F1.

O conectivo de contraste explícito em F5a "apesar de todo" amarra a seqüência precedente com F5b, onde o enunciador se expõe através da forma verbal em 1ª. pessoa "soy un convencido". No entanto, essa forma determinada está inserida em um contexto lingüístico que produz o efeito de distanciar o enunciador de seu discurso. E aqui é de utilidade a noção de *distância*, tal como a concebe L. Coudesses (1971) isto é, como a atitude de afastamento do sujeito enunciador face ao objeto de seu discurso. As marcas formais distanciadoras em F5 são: indefinição ("a pesar de *todo*") ("no queda *otra*") e indeterminação por meio de infinitivo ("*seguir* adelante").

B) Caracterização Discursiva da Seleção Lexical

O tipo de substantivos e a modalização apreciativa do texto indicam a presença explícita do enunciador: ("horrible sensación de desarraigo y desolación", "pérdida", "carencia afectiva"). Entretanto, essa espécie de subjetivismo do texto é neutralizada através do funcionamento discursivo de marcas formais distanciadoras. Uma das marcas que Courdresses assinala como índice de maior distância é a nominalização. Em F, é evidente a preferência do rementente pelo uso de nominalizações antecedidas por artigo ("la pérdida", "la carencia afectiva" em vez de *mi* pérdida, etc.).

No que diz respeito à escolha dos verbos, observamos o seguinte jogo: quando o argumento de carência está na FN, os verbos expressam subjetividade: "sentir" (sensación de desarraigo y desolación), "parecer" (incierto); e quando a FN não exprime perda, esta encontra-se na significação do verbo: "faltar" (lo más esencial).

O funcionamento textual da exclamação contendo a interjeição "la pucha" em F5c, é, do meu ponto de vista, fundamental para caracterizar os efeitos de sentidos deste texto. A noção de *significação atestada* introduzida por Ducrot, ao falar do implícito fundado no enunciado, revela-nos o mecanismo desse funcionamento. Ele diz: "Um fato é atestado por um ato de fala quando esse ato se apresenta como uma das conseqüências do mesmo fato" (1977:27). A meu ver, "la pucha" é a conseqüência da dor e da tristeza produzindo, assim, uma significação mais atestada do que ex-

pressa, "mais vivida do que meramente formulada" (cf. Ducrot, 1977:26-28).

Esse caráter de significação atestada é o que relaciona F5 com a exclamativa F1 (a qual, como demonstramos ao falarmos da função textual das construções, expande em F2, F3 e F4).

A seguir, apresentarei os exemplos G, H e I, destacando as marcas formais que permitiram obter conclusões na direção do evidenciado na análise de F.

Exemplo G

"G1 Ya sabrás lo nuestro. G2, ^bQué jodido es todo esto !, G3a ^cpero la realidad es una y hay que saberla entender, así muy lamentablemente *no se podía vivir*".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

A relação entre enunciador e destinatária é de amizade. O objeto do discurso é a interrupção de uma relação afetiva do remetente com outra pessoa também amiga da destinatária.

O Processo de Produção Discursiva

Aplicando a técnica dos recortes para evidenciar o processo de estruturação do texto como unidade de significação, observamos a ligação de "lo nuestro" G1, "todo esto "

O Processo de Produção Discursiva

É interessante observar que em H a própria enunciatória explicita a razão do uso da construção indeterminadora *se-verbo*²⁰: "Lo que pasa es que me parece tan increíble que uso esa forma para tomar la distancia conveniente para no embalarme en vano". O recorte em torno à distância do enunciador face ao objeto do discurso inclui o emprego da construção impessoal e da indefinição em H1 "hay algunas novedades."

Embora não haja em H ocorrências de significação a testada, o fundamento da estruturação textual das unidades de efeito distanciador se depreende da significação de receio implícita na modalização apreciativa "tan increíble", ligada a H1b, e na expressão "embalarme en vano" em H3.

Exemplo I

"I1 Ese dicho trámite del Banco Central, que en su momento tuvo plena vigencia, ya no corre más, por el motivo fundamental de la variante cambiaria. I2 ¿ Para qué lo necesitabas? I3 Bueno, supongo que si se conseguían los dólares a ese valor soñado, era flor de negocio.

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

Em I o remetente responde negativamente a uma questão formulada pela destinatária em uma carta anterior. A resposta negativa decorre de um dado obtido por ele em outras instâncias.

A relação entre destinador e destinatária é de parentesco.

O Processo de Produção Discursiva

O fato da indeterminação com *se-verbo* ocorrer no interior de uma construção "condicional" cuja função textual é a de indicar que a significação é, de fato, oposta à expressa pelo verbo, permite observar a ligação entre essa construção e a negativa explícita em I1 "ya no corre más".

Dado que -segundo evidencia a escolha da modalização apreciativa em I3 "valor *soñado*" e "flor de *negocio*" (= negócio muito bom) - a imagem que o enunciador tem da que a destinatária faz do objeto do discurso - I(A(B(R))) - é oposta a I1, por meio do uso da construção com *se-verbo*, o enunciador cria distância entre a destinatária (cf. o uso da 2a. pessoa em I2: ("Para qué lo necesitabas?") e o objeto de seu discurso.

Tipo de Interação Discursiva e Caracterização do Funcionamento Discursivo Nº2 da Construção Indeterminadora Se-Verbo em Relação às Representações Pragmáticas

Uma vez que F se apresenta como uma vivência do enunciador, a polissemia não está contida. Também não é aberta, já que qualquer sentido não é igualmente válido. Aqui o locutor controla o direcionamento da significação:

Ele *atesta* o sentido dado ao objeto de seu discurso e embora haja, neste dizer, marcas de indeterminação e indefinição, os argumentos que constroem a representação desse objeto estão expostos aqui. Assim, as generalizações não funcionam fechando a possibilidade de atribuição de outros sentidos por parte do destinatário. Por isso, o grau de reversibilidade, de troca de papéis na interlocução, é maior aqui do que nos textos do primeiro grupo. Segundo a tipologia de Orlandi, estes traços correspondem ao tipo de discurso predominantemente *polêmico*.

Através da análise de F, evidenciamos que as construções funcionam distanciando o enunciador de seu discurso. Focalizando F1, que contém a expressão indeterminadora "se siente", descreverei o funcionamento da enunciação, utilizando a comparação com um conjunto de paráfrases possíveis:

F1 " ; Qué horrible sensación de desarraigo y desolación se siente al perder una madre!"

F1' " ; Qué horrible sensación de desarraigo y desolación uno siente al perder la madre!

F1'' " ; Qué horrible sensación de desarraigo y desolación senti cuando (yo) perdí (mi) mamá!

F1 é a frase explícita em F e consiste no grau de maior indeterminação. Como diz Lavandera em seu estudo sobre a forma uno: "uno (has) a semantic character of transition form between third and first person singular. (...)Uno

marks the transition from an indefinite agent to the person who is talking(1984:118). Nesse sentido, F1' constitui um grau de transição entre a indeterminação (F1) e a determinação (F1'').

Exemplo G

Catalização²¹ do implícito em G3c:

G3c "Así muy lamentablemente no *se podía* vivir"

— Así muy lamentablemente no *podíamos* vivir.

Em G, observamos uma tendência (cf. Orlandi, 1983: 207) à *monossemia* ("la realidad es una..."), característica dos discursos autoritários; no entanto, o efeito de significação atestada em G2 e a catalização da enunciação implícita em G3c, revelam que o tipo de *interação* discursiva é predominantemente *polêmica*. Como observa Orlandi: "O tipo se caracteriza por uma relação não absoluta, mas de *dominância*. Dadas certas condições de produção, um discurso, um estado do processo discursivo, é predominantemente *lúdico*, ou *polêmico* ou *autoritário*" (op. cit.:206).

Exemplo H

Explicitação da significação contida em H1b:

H1b "... *se va* a confirmar la compra de un departamento"

Em H o objeto do discurso está evidentemente exposto à destinatária propondo, então, este dizer a reversibilidade própria da interlocução *polêmica*.

Exemplo I

Exemplo de sentido implícito em I3:

I3 "Si *se* conseguían los dólares a ese valor soñado, era flor de negocio".

Si *conseguías* los dólares a ese valor soñado, era flor de negocio".

Em I, a interrogação em I2, a suposição (" supongo que ...") e o período hipotético funcionam instaurando uma interação discursiva de tipo *polêmico*.

Como observamos, em F o *se* implícita o *yo*. Em G e H, o *nosotros*. Em I, o *vos*.

Através desta análise fica evidente que nestes exemplos os enunciadores na (e pela) expressão indeterminadora constroem jogos argumentativos nos quais a relação dos interlocutores com a adversidade representada no discurso é *amenizada*.

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 3

Para expor este funcionamento, apresentarei a análise de um exemplo in extenso e ampliarei a ilustração com outros dados do mesmo grupo de amostras.

Exemplo J

"J1 ¿ Averiguaste algo de los vestidos? J2 Yo no sé si ahora habrá tiempo. J3 Tu primo no va hasta febrero^a, así que tendrías^b que mandarlo por encomienda. J4 Por las dudas estos días voy a ir viendo algo por acá, pero te pido que de todos modos me averigües. J5 Sería bárbaro si pudieras llamar por teléfono, así agilizamos la comunicación y vemos qué se puede hacer. J6 Sigue siendo la idea que más me gusta. J7 Perdoname que te hinche, pero tratá por favor".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

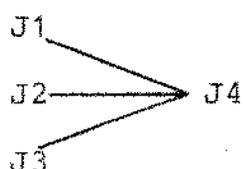
Com respeito aos protagonistas deste discurso, além dos dados já fornecidos, é relevante especificar que a relação entre remetente e destinatária é de amizade.

O objeto do discurso é a reiteração de um pedido feito anteriormente e que engajou a destinatária em um ato performativo de promessa.

O Processo de Produção Discursiva

O Funcionamento Textual das Construções Sintáticas

Por meio das frases que, em uma relação de saturação, convergem para J4, a enunciadora apresenta o objeto de seu discurso que é a insistência sobre o pedido já feito anteriormente e não satisfeito.



Os operadores implícitos que ligam J1 com J2 e esta com J3a estabelecem relações explicativas:

- J1 "¿Averiguaste algo de los vestidos?"
(porque)
- J2 " Yo no sé si ahora habrá tiempo "
(pues / porque)
- J3a " Tu primo no va hasta febrero"

Em J1 o referente discursivo aparece de forma indefinida ("algo") e seu efeito de sentido é engajar a destinatária no pedido já feito e expressar a insistência da locutora. Essa insistência (preocupação) está expressa em J2 em forma de dúvida.

Em J2, ainda que as marcas formais explícitas quanto aos protagonistas na enunciação sejam de 1ª pessoa (" yo

no sê") e de 3ª pessoa (não pessoa, apud Benveniste) pela impessoalização (haber tiempo), a enunciadora inclui a destinatária de modo implícito na estruturação de seu discurso. Catalizando essa implicitação, temos:

J2 "Yo no sé si ahora habrá tiempo"

— Yo no sé si ahora tendrías tiempo
(vas a tener)

A inclusão da destinatária ocorre de modo explícito em J3: "Tu primo no va hasta febrero, así que tendrías que mandarlo por encomienda".

O uso do potencial²² em "tendrías que mandarlo" funciona atenuando o efeito do ato de fala de solicitação sobre a destinatária. D. Maingueneau relaciona este funcionamento atenuador das formas em -ría com o de eufemização operado pela utilização do imperfeito, que desloca o presente da enunciação para um passado fictício, o que produz um efeito de desatualização do pedido. Como ela observa: "dire je veux c'est vouloir effectivement, alors que dire je voulais c'est seulement 'raconter' ce désir, en dissociant sujet d'énonciation et sujet d'énoncé" (Maingueneau, 1981: 71²³). No caso do potencial, essa desatualização é produzida dando ao pedido uma aparência de "irrealidade". (cf. op. cit.: 84). Recuperando os implícitos, temos:

- Tenēs que mandarlo por encomienda
- Tendrás (vas a tener) que mandarlo por encomienda
- "Tendrías que mandarlo por encomienda"

J4 "Por las dudas, estos días voy a ir viendo algo por acá, pero te pido que de todos modos me averigües" fecha por saturação pois amarra os elementos que produzem o efeito de sentido da seqüência: a insistência no pedido e a preocupação (expressa novamente em forma de dúvida) pela proximidade da data e a falta de resposta da destinatária de J.

A asserção em J5a "Sería bárbaro si pudieras llamar por teléfono" é, na terminologia de Searle, um ato de fala indireto, pois sendo uma asserção funciona como ato ilocucional de solicitação. Por meio do uso do potencial, a enunciadora evita o uso de uma estrutura imperativa. Mas, neste caso, o potencial, como bem observa Mainqueneau, "ne sert pas tant à euphémiser qu'à indiquer à l'allocutaire qu'il doit opérer une dérivation illocutoire pour interpréter l'énoncé comme une demande" (op. cit.: 84-5).

Embora a locutora se inclua em K5b, por meio das desinências verbais de 1a. pessoa plural ("así agilizamos la comunicaci3n y vemos qué se puede hacer") e, por outro lado, o agente da objetiva apareça indeterminado, ao levar em conta as condições de produção e a direção argumentativa do texto, podemos concluir que o agente implicitado na construção indeterminadora é a alocutária.

A nominalização ("la idea") em J6 funciona implicitando o para quê do discurso, isto é, a compra do vestido. Catalizando a implicitação, temos:

J6 "la idea que más me gusta"

la idea que más me gusta (es que me compres el vestido)

É interessante, ainda, se observar que, em K7, o pedido volta a ser explícito, reforçado pelo uso de modo *imperativo* ("tratã, por favor"), argumentando na direção da insistência já referida.

B) Caracterização Discursiva da Seleção Lexical

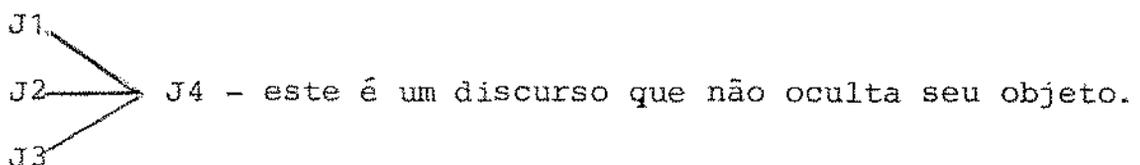
A modalização apreciativa não é abundante, mas aparece em posições determinantes na organização textual em vista da estratégia argumentativa. Os exemplos desta espécie de modalização são: o emprego do adjetivo "bárbaro", em J5, e a construção "que más me gusta" em K6, dos que já falamos ao tratar do funcionamento textual das construções sintáticas.

Encontramos modalização lógica de necessidade (o brigação) em J3b. Esta se dá por meio da construção *tener que* + infinitivo e cuja função já comentamos acima. As outras duas modalizações lógicas acontecem em J5 com o verbo *poder*. Através delas, a enunciadora atenua as solicitações criando uma aparência de diminuição da responsabilidade da destinatária sobre a efetivação das ações solicitadas, ao levar em conta a capacidade e/ou possibilidades que ela teria para satisfazê-las. Essa mesma aparência de diminuição de responsabilidade da destinatária ocorre através da escolha do verbo *tratar* (tentar) em J7, mas, por outro lado, sem deixar de insistir no pedido como o uso do modo imperativo indica.

A escolha do verbo *averiguar*, em vez de *comprar*, que é, de fato, a ação final que a locutora espera da alocutária, implica na consideração explícita por parte daquela do processo prévio de indagações que esta devia realizar antes de satisfazer o pedido. A meu ver, essa consideração funciona também como atenuação do ato de solicitação, do mesmo modo que o pedido de perdão motivado pela representação do objeto do discurso enquanto abuso: "perdone-me que te hinche".

Tipo de Interação Discursiva

Como evidenciamos - por exemplo, ao desenvolver o funcionamento textual da sequência saturadora composta por



A enunciadora estrutura seu texto direcionando a argumentação no sentido do pedido, mas deixa, em seu dizer, espaço para outros direcionamentos, de tal forma que um enunciado como J4a "Por las dudas estos días voy a ir viendo algo por acá" é ambíguo entre a ameaça que argumenta em direção à insistência e o desligamento do compromisso que a alocutária assumira pelo ato de promessa prévio.

As atenuações da solicitação, principalmente as apontadas quando caracterizamos discursivamente a modalização lógica, possibilitam a troca de papéis na interlocução.

As atenuações da solicitação, principalmente as apontadas quando caracterizamos discursivamente a modalização lógica, possibilitam a troca de papéis na interlocução.

Podemos concluir, então, que a tensão presente na interação lingüística instituída em J corresponde à própria de um discurso do tipo predominantemente *polêmico*.

Exemplo K

"...Y me dijo que me apreciaba mucho y que yo era una persona con la que *se podía hablar*".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

Trata-se de um discurso citado que relata uma situação de aproximação amorosa. Para evidenciar o funcionamento da construção indeterminadora, considerarei o enunciador da situação relatada e não o enunciador de K.

O Processo de Produção

Aplicando a técnica dos recortes observamos a ligação entre a construção indeterminadora "se podía hablar", a frase nominal "una persona" e a escolha do verbo "apreciar" em torno do processo de estruturação textual de atenuação da significação.

Tipos de Interação Discursiva

Os elementos do recorte evidenciado acima funcionam

produzindo uma interlocução em que a polissemia está controlada. O enunciador cria o seu efeito de sentido (com o *se*), pela centralização na representação do próprio interlocutor como *objeto* de seu discurso. Pelo fato de estar explícito, este objeto exposto possibilita o grau de reversibilidade correspondente ao discurso de tipo *polêmico*.

Com a finalidade de ampliar a ilustração, darei, mais um exemplo, que não pertence ao tipo de discurso epistolar. Trata-se de um fragmento extraído do livro En Vida de Haroldo Conti, escritor argentino contemporâneo (1925-1977 ??). Podemos observar, na fala de um dos personagens, um emprego da construção *se-verbo* reconhecível como de ocorrência possível em situações equivalentes no discurso cotidiano autêntico. Como no caso do poema de Serrat (Exemplo E), não considero a função desse dizer na novela, mas como exemplar do uso do discurso cotidiano (As marcas formais que permitiram obter conclusões na mesma direção que em J e K estão grifadas).

Exemplo L

" -¿Está fresco esto ^{24?} pergunta Oreste levantando la bolsita.

- Sí, lo traje yo.

-¿Se puede?

- Por supuesto.¿Quiere um café?

- No vendría mal."

(H. Conti, *En Vida*, Seix Barral, Barcelona, 1971 : 180).

O Funcionamento Discursivo Nº3 da Construção Indeterminadora Se-Verbo em Relação às Representações Pragmáticas

Focalizando em J5b, observaremos como funciona a enunciação através da construção com *se-verbo*:

J5b " Y vemos qué se puede hace-"

— Y vemos qué podéis hacer (cf. pág. 104 acima)

A construção indeterminadora funciona, então em J *implicitando o vos* (tú / usted).

K "Me dijo (...) que yo era una persona con la que se podía hablar".

Em discurso direto:

- Vos sos una persona con la que *se puede hablar*
Vos sos una persona con la que *puedo hablar*.

L "¿Se puede?" (comer)

¿ Puedo ? (comer)

Os atos de fala, como observa Vogt, são pequenas cenas dramáticas nas quais os papéis são desempenhados pelos interlocutores, cuja identificação é sempre relativa: "O destinador (...) se representa em relação ao destinatário representado (...) e a passagem das categorias locucionais (falante/ouvinte) para as categorias semânticas (as que permitem a identificação dos interlocutores no mundo) é sempre

mediada pelo sistema de representações pragmáticas" (1981:161).

Como evidenciou a análise, nos exemplos deste grupo, seja implicitando o *vos* (texto J), seja implicitando o *yo* (textos K e L), através da construção indeterminadora com *se-verbo* os enunciadores representam jogos argumentativos de *sondagem* e/ou *cautela*.

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 4

Exemplo M

"M1 Te cuento (para levantar tu ánimo) que ha sido ^a levantada la orientación de Lingüística de la Facultad, y que los primeros en estar de acuerdo con la medida ^b fueron, por su, (X) y su simpática adjunta. M2 Entre sus argumentos cabe destacar que ^a piensan que es un estudio demasiado teóri- co, que no está al alcance de cualquiera. M3 (Z) nos comen- tó que *se había consultado* a los profesores y que ella había propuesto una reunión de todos para comentar programas, in- tercambiar información, etc. y que por supuesto no le contes- taron. M4 Lo próximo que supimos es que *se suprimió*. M5 Tenemos pensado elevar una nota con las chicas para que *se reconsidere* la medida".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

A relação entre remetente e destinatária é de amiza- de. Também é necessário acrescentar aqui que essa relação iniciou-se na Universidade da origem ao objeto deste discurs- so, que é a supressão da orientação em Lingüística para o Curso de Letras na Universidade de Buenos Aires, em 1981.

O Processo de Produção Discursiva

Trataremos, conjuntamente, dos itens A e B, ou seja, do Funcionamento Textual das Construções Sintáticas e da

caracterização Discursiva da Seleção Lexical.

A frase enunciativa composta M1^a "Te cuento (para levantar tu ánimo) que ha sido levantada la orientación de Lingüística de la Facultad y que los primeros en estar de acuerdo con la medida fueron, por su, (X) y su simpática adjunta" é dominante. M1b expande em M2.

Em M1, a circunstância de finalidade ("para levantar tu ánimo") e a de afirmação ("por su"=por supuesto), juntamente com o emprego do adjetivo "simpática" produzem um efeito irônico que funciona, no discurso, argumentando em direção oposta a M1a. Por meio do subentendido da ironia no adjunto de finalidade, a enunciadora inclui a destinatária nessa argumentação.

A ironia é conservado em M2: ("Entre sus argumentos cabe destacar que piensan que es un estudio demasiado teórico, que no está al alcance de cualquiera"). A escolha da frase verbal "cabe destacar" para introduzir o argumento da objetiva M2a orienta a estruturação do discurso no sentido já indicado, isto é, em direção oposta a M1.

Esse efeito irônico é construído pela enunciadora também através do jogo argumentativo que consiste na passagem alternada do registro formal ao informal. São marcas de registro formal em M: a) O emprego da chamada voz passiva plena ou perifrástica em M1 ("ha sido levantada"), de uso pouco frequente no discurso cotidiano em espanhol; b) O uso do "pretérito perfeito" (tempo composto). No dialeto rioplatense o

uso desse tempo verbal é indício de estilo mais formal. Informalmente, é mais comum o uso do "pretérito indefinido" (tempo simples); c) A escolha da frase nominal "la medida", proveniente da expressão "tomar una medida" própria de um estilo mais formal. São marcas da variedade informal: a) a forma apocopada "por su" é de uso correspondente a situações altamente informais e comum em falantes de faixa etária mais baixa; b) o uso de adjetivos humorísticos indicados acima.

M1a expande em M3 e M4. Esta seqüência descreve o procedimento da resolução. E, a meu ver, todas convergem para M5, graças a um conectivo implícito de conclusão operando na pausa que antecede esta frase.

As três ocorrências da construção indeterminadora se-verbo: "se había consultado" (M3), "se suprimió" (M4) e "se reconsidere" (M5) estão relacioandas a *atos de fala de decisão*.

Em se tratando de atos de fala de decisão será necessário, como diz Julia Stanley, que "the careful, analytical reader will notice that information is missing", pois "for those of us who must live with the consequences of someone else's exercise of power, knowing the deleted agents can be important in assigning responsibility for actions" (1975 :30 -31).

Concordo plenamente com a autora nesse ponto, e aceito a existência, do ponto de vista da função referencial da linguagem, de um uso da construção que se encaixa no que

Milanez (e outros autores) denominam "ocultação de sujeito" ("quando o locutor tem interesse em esconder a identidade de uma 3a. pessoa"cf. Milanez, 1982 : 88). Entretanto, dado que a perspectiva adotada neste trabalho implica numa concepção argumentativa dos enunciados, o objetivo aqui como já assinaléi, é caracterizar *discursivamente* essas ocultações, ou seja, quais *efeitos de sentidos* são produzidos na interação lingüística, entendida como ação social.

Nessa direção está orientado o trabalho de Orlandi sobre a indeterminação no discurso da história para a escola. A autora, por meio da caracterização de funcionamento discursivos de construções indeterminadoras, estabelece as propriedades desse discurso e determina duas formações discursivas²⁵ que operam nele: uma "episódica ou factual" e outra "interpretativa ou processual" (cf. Orlandi, 1983: 51-71). Através dessa caracterização discursiva é possível, à autora, ir além da simples constatação do mecanismo de ocultação.

Tipo de Interação Discursiva e Caracterização do Funcionamento Discursivo Nº 4 da Construção Indeterminadora Se-Verbo em Relação às Representações Pragmáticas.

O jogo argumentativo da alternância de registros em M, está relacionado à questão das vozes no discurso. A consideração desta questão leva em conta os dois processos existentes na dinâmica da linguagem, isto é a *paráfrase* e a *polissemia*. O processo parafrástico é aquele que é "a reiteração de processos já cristalizados pelas instituições". A polissemia, ao contrário, "desloca o mesmo e aponta para a

ruptura, para a criatividade". É "conflito entre o produto, o institucionalizado, e o que tem de se instituir" (Orlandi, 1983:126).

A ligação entre esses dois processos e a distinção tipológica interacional adotada se faz através do conceito de *tendência*: O tipo autoritário tende para o parafrástico, o tipo lúdico tende para o polissêmico, e no tipo polêmico há um equilíbrio - tenso - entre os processos (parafrástico e o polissêmico) ²⁶.

Em M, observamos esse equilíbrio tenso. As ocorrências da construção indeterminadora se-verbo, ao contrário dos recursos que produzem o efeito irônico, se articulam em direção à paráfrase, isto é, à reprodução de formas legitimadas historicamente pela cristalização de usos ~~inconsti~~tucionalizados oficialmente para atos de fala de decisão. Em M5 isto é evidenciado pela escolha das expressões "ele var una nota" e " se reconsidere la medida". A construção funciona, então, segundo entendo, reproduzindo usos oficializados para atos de fala de decisão e, ao mesmo tempo, oficializando-os na(e pela)sua ocorrência. Daí que denomino este funcionamento discursivo nº 4, funcionamento *oficializador*.

Pude observar ocorrências frequentes deste uso *oficializador* nos dados de uma outra pesquisa que venho desenvolvendo sobre indeterminação em discurso jornalístico em espanhol. Devo, no entanto, observar que no material de discurso epistolar do corpus deste trabalho sua ocorrência não é muito abundante. De todo modo, como nosso critério me

metodológico não é quantitativo e sim qualitativo, e, a meu entender, sua importância o justifica, resolvi incluir aqui a apresentação deste funcionamento.

É interessante observar que ocorrências deste uso que denominei *oficializador* acontecem em discursos pertencentes a formações ideológicas diferentes. Para exemplificar isto, reproduzirei um exemplo extraído de uma entrevista a Hebe de Bonafini, presidente das Mães da Praça de Maio, publicada na revista *Humor*, em outubro de 1982, em Buenos Aires.

Em resposta à pergunta da periodista Mona Moncalvillo: "¿ Por qué la eligieron a usted presidente de la entidad? " a vice-presidente, após elogiar a personalidade e atuação da senhora de Bonafini, diz:

Exemplo N

..."Se la eligió como presidenta el día que nos constituímos en Asociación, ante escribano público y bajo registro notarial; de manera que tiene toda la fuerza de cualquier asociación legal".

O efeito de sentido do funcionamento oficializador resulta da ligação entre os recortes discursivos: "presidenta", "nos constituímos en Asociación", "ante escribano público", "bajo registro notarial" e "toda la fuerza de cualquier asociación legal".

Se bem que os agentes das decisões em M não sejam recuperáveis com absoluta precisão (dado o ocultamento que a construção indeterminadora *se-verbo* possibilita), é claro que se trata de decisões de quem estava no poder das instituições oficiais (no caso, educacionais) argentinas em 1981, poder ao qual os agentes em N estavam (e estão) em relação ideológica de oposição. Levanto a seguinte hipótese explicativa da ocorrência deste funcionamento nº 4 em N: dadas as condições de produção desse discurso, o funcionamento oficializador representa mais um recurso (argumento) para o fortalecimento dessa oposição.

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO Nº 5

Este funcionamento, que exemplificarei com os textos O, P e Q, já tem sido tratado em literatura específica sob nomes tais como "índice de obviedade do agente" (o agente indeterminado pela construção é de fácil recuperação a partir do contexto, cf., por exemplo, García, 1975 : 65) ou "desfocalizador do sujeito" (é mais relevante focalizar a ação referida pelo verbo - ou seu objeto - do que a referência do sujeito, cf., por exemplo Milanez, 1982:83-84).

Contudo, indicar que o agente é óbvio não diz muito sobre o funcionamento da construção no discurso, pois, muitas vezes há obviedades reiteradas explicitamente, ou seja, nem sempre o óbvio é elidido. O interessante, a meu ver, é observar os efeitos de sentidos dessas obviedades (implícitas ou explícitas), na interlocução. E, por outro lado, a caracterização como construção desfocalizadora, a partir da noção de relevância, também não me parece satisfatória, uma vez que segundo a concepção de linguagem que eu adoto, a relevância não decorre necessariamente da explicitação. Como demonstramos nas análises deste trabalho, muitas vezes se implícita precisamente aquilo que, na argumentação, é o mais relevante.

Exemplo O

"O1 Ya nos anotamos en la Facultad. O2 Yo en seis materiais. O3 ; Mirá qué ilusa! cómo si pudiera cur-

sarlas todas. 04 ^a El lío de este año es que nos mudamos, pero
b algunas materias aún *se cursan* en Independencia. 05 Es un des-
piole. 06 Empezamos el lunes 14".

Dados Relativos às Condições de Produção Discursiva

A relação entre os protagonistas da interação lin-
güística em O é de amizade, e o objeto do discurso é o início
do ciclo letivo, em 1980, na Faculdade de Filosofia e Letras
da Universidade Nacional de Buenos Aires.

O Processo de Produção Discursiva (Ítems A e B)

As frases com que a enunciadora estrutura a abertura
e fechamento de seu discurso (01, 02, e 06) dão ao texto uma
fisionomia predominantemente informativa. Mas ao dizermos
que a função informativa predomina na configuração do texto,
não estamos eliminando suas propriedades de representação
pragmática ou seu valor argumentativo. Estes sempre estão
presentes na dinâmica lingüística. Até o anúncio "Museu de
Arte Contemporânea aberto das 9 às 11h²⁷", ao informar tam-
bém *argumenta*. No momento em que um sujeito lê o anúncio,
constituindo-o assim em texto pragmático, toda a rede de fa-
tores discursivos representados no quadro da página 59 entra
em funcionamento para a atribuição de sentidos. Por exemplo,
pode-se considerar que esse anúncio argumenta até mesmo na di-
reção da não visita ao museu para destinatários do grupo so-
cial dos trabalhadores, com horários livres exclusivamente no
período vespertino ou noturno.

Voltando a O, observamos duas expressões modalizadoras em O4 e O5. Trata-se dos substantivos "lío" e "despiole". Parece-me apropriado considerá-los modalizadores, pois revelam a presença explícita do enunciador, produzindo o efeito de diminuir a distância entre ele e seu discurso. Essas expressões abrem e fecham a sequência composta por O4 e O5. Com esta sequência, a enunciatória constrói a representação do objeto de seu discurso, e, em se tratando de algo que a afeta diretamente - neste e por este dizer - ao mesmo tempo ela se representa, para si e para a destinatária, em relação ao objeto do discurso em questão.

E como funciona a generalização em O14b "algumas matérias aún se cursan en Independencia"? Do meu ponto de vista, como fundamento da validade da representação construída.

Tipo de Interação Discursiva e Caracterização do Funcionamento Discursivo Nº 5 em Relação às Representações Pragmáticas.

Como dizem Ducrot e Barbault: "la causalité ne va jamais sans une certaine generalité" (*La Preuve et le Dire*: 107). Assim, em O, haveria uma proposição universal implícita, sustentando O4b, do tipo:

Siempre que algunas materias de una carrera se cursan en un edificio y otras en otro es un lío /un despiole. (cf. op.cit. : 106).

Este caráter generalizador pode dar a um discurso a aparência de contenção da polissemia. No entanto, a estruturação do dizer em O com, por exemplo, a escolha de substantivos que expressam subjetivismo ("despiole"), diminuem a tendência à monossemia e possibilitam a troca de papéis na interlocução. Focalizando O4b, observamos que neste texto a generalização não tende - como acontecia na maioria dos textos do primeiro grupo - para a ocultação do objeto do discurso, mas sim para sua exposição frente ao destinatário, através da apresentação de causas que fundamentam a representação construída pelo enunciador. Podemos concluir, então, que neste discurso predomina o tipo de interação *polêmica*.

A seguir reproduzirei os exemplos P e Q com a finalidade de ampliar a ilustração deste funcionamento:

Exemplo P

"P1 Paso a *informante* precios de acá (...) P2 Te aclaro que el sistema cambiario es un *despelote*. P3 Fijate que *no hay venta* en las casas de cambio y *existem* tres tipos de dólar. P4 De todas maneras, no te hagas mucho *lío*. P5 Vení con cruzeiros o dólares y sos la dueña de Buenos Aires. P6 ^a Prueba de ello es que por Florida ^b se escucha más hablar Português que Castellano."

Exemplo Q

" Q1 Aquí se está usando mucho las polleras gitanas

de nuevo. Q2 *Si te gustan y querēs y (X) decide ir, te mando, si vos querēs*".

Descrevendo o funcionamento das enunciações com *se-
verbo* nos textos precedentes, por meio da explicitação da in-
tertextualidade (paráfrases), observamos:

O5b "algunas materias aún *se cursan* en Independencia"

Quem cursam são os *estudantes*. Ora, nesse discurso, dadas suas condições de produção, (cf. também as desinências verbais de 1ª plural em O1 " *anotamos*", O4a " *mudamos*" e O6 " *empezamos*"), o *se* implica *nosotros*: (*Aún cursamos algu-
nas materias en Independencia*).

P6b "por Florida *se escucha* más hablar Portugués que Castellano".

- Quem escuta são os *pedestres* da rua, entre os quais, dadas as condições de produção desse discurso, o *enun-
ciador está incluído* (*escuchamos*).

Q1 "Aquí *se está usando* mucho las polleras gitanas de nuevo"

No exemplo Q, dadas as suas condições de produção *dis-
cursiva*, em que a enunciadora *não* participa da ação do verbo em Q1, o *se* implicaria um FN do tipo " as moças", por exem-
plo.

Como indicamos ao explicitar o processo de produção de O, a construção indeterminadora *se-verbo* funciona aqui como fundamento que justifica as representações que o enunciador do discurso constrói. Este funcionamento adquire, em caráter de funcionamento válido, como podemos observar explicitamente no exemplo P ("*Phueba de ello es que por Florida se es cucha más hablar Portugués que Castellano*"). Assim, chamamos este funcionamento de *justificador* do discurso.

Para concluir, gostaria de referir-me novamente ao estudo de Ducrot e Barbault sobre a noção de causa, por estar esta noção relacionada ao aspecto fundamentador deste funcionamento.

Em resposta à pergunta "*à quoi sert, dans le discours, la notion de cause?*", estes autores expõem (cf. op. cit.: 114) quatro objetivos básicos:

a) *A exortação à resignação* (A causa da situação é um fato sobre o qual não se pode agir).

b) *A previsão* (Sendo A a causa de B, a aparição de um evento análogo a A permite prever uma reedição de B).

c) *A ação* (Um fato é um meio para produzir um outro).

d) *A determinação de responsabilidades* (Se é responsável por um fato do qual se é sua causa).

Nesse sentido, os exemplos O, P, Q, que apresentamos para evidenciar este funcionamento, estão relacionados aos objetivos discursivos a), b) e c) respectivamente.

CONCLUSÕES

Se bem que os cinco funcionamentos discursivos da indeterminação produzidos pelo uso da construção se-verbo, aqui apresentados, não pretendem ter um caráter exaustivo em relação ao problema da indeterminação na linguagem, a meu ver, levam a conclusões significativas em duas direções.

Primeiramente, em relação à teoria lingüística, pois, ao adotar a perspectiva da Análise do Discurso, e operar, portanto, com a noção de texto enquanto unidade pragmática, a abordagem torna-se mais explicativa. Assim, ao conceber o texto como "o todo em que se organizam os recortes", entendidos estes como "unidades discursivas", fragmentos de linguagem - e - situação" (cf. Orlandi 1984a : 14-5), é possível a re-definição do fenômeno da indeterminação além dos limites impostos pela observação estrita de sua função referencial.

Embora focalizemos, neste estudo, os funcionamentos discursivos da construção indeterminadora se-verbo, não deixamos de observar que, para produzir os efeitos de sentidos descritos nesses funcionamentos, os enunciadores estruturaram seus textos a partir da concorrência de recortes onde há mais de um tipo de recurso indeterminador.

Retomaremos, então, a questão da conceptualização da indeterminação, incluindo a consideração do jogo das representações pragmáticas que evidenciamos ao estabelecer os funcionamentos discursivos. Para tanto, é relevante também a seguinte observação de Vogt: *le lien théorique de la composante pragmatique dans l'analyse linguistique ne se situe ni avant ni après les composantes syntaxiques et sémantiques, mais entre elles* ²⁸ (1981). Dessa forma, assumimos, com ele, que a denominação para esse domínio teórico *integrador* da unidade de estrutura e da unidade de ação social é a de *macrossintaxe*.

Estas reflexões e nossa análise nos levam, então, a definir a construção indeterminadora se-verbo como um *recorte macrossintático* que, devido ao seu caráter indeterminador, exprime ²⁹, de modo explícito, generalização e, ao mesmo tempo, funciona implicitamente, no discurso, como (a) encobridor de ações diretivas, (b) amenizador, (c) oficializador, (d) justificador do discurso, ou ainda, (e) como instaurador de jogos argumentativos de sondagem e/ou cautela.

A outra direção para a qual apontam as conclusões decorrentes deste tipo de trabalho é a de inscrever esta proposta como uma das vias de pesquisa para o estudo da relação linguagem-ideologia, já que a cristalização dos funcionamentos discursivos corresponde à constituição de formações discursivas, às quais estão diretamente relacionadas com as formações ideológicas.

Aqui, entendemos as "ideologias"³⁰ no sentido exposto, por exemplo, por Emilio de Ípola quando diz "(son) formas de existência y de ejercicio de las luchas sociales en el dominio de los procesos sociales de producción de las significaciones" (1982:73). É também esclarecedora a menção do autor ao fato de que nem todo antagonismo ideológico é redutível à luta de classes. Para ilustrar este fato exemplifica com a relação homem-mulher em nossas sociedades.

Lembrando, agora, as distinções de Pêcheux: superfície lingüística, objeto discursivo e processo discursivo³¹, a abordagem aqui apresentada localiza-se, a meu ver, na passagem entre o objeto e o processo discursivo. Ou seja, a análise incidiu sobre os mecanismos sintáticos e de enunciação (objeto discursivo) e sobre as formações que indicam as relações entre as formações discursivas e as ideológicas, em amostras de discurso cotidiano.

Para avançar na explicitação do processo discursivo, fica como sugestão a proposta de um trabalho interdisciplinar, que integre esta forma de conhecimento lingüístico com a reflexão de outros domínios sobre as práticas discursivas enquanto sistemas de representação.

NOTAS DA SEGUNDA PARTE
E DAS CONCLUSÕES

1. Sempre que uso expressões como "abordagem discursiva", "concepção discursiva", perspectiva discursiva", "estudo discursivo", etc., quero significar que a abordagem, concepção, perspectiva, estudo, etc., correspondem aos da Análise de Discurso explicitada na segunda parte, principalmente nas sessões I e III.
2. No caso de Halliday, essas considerações semânticas são feitas por meio do estudo da *coerência textual* (quanto à relação coesiva interna e à relação com a situação). Em Van Dijk, através da operação com o conceito de *macroestrutura* (cf. Van Dijk, 1977:130 -155).
3. Embora não compartilhe dos princípios teórico-metodológicos da Semântica Gerativa, tomo como referência as observações desse modelo (cf. pág 25, acima) por considerar pertinentes essas três distinções.
4. Sobre este particular o trabalho de Milanez é ambíguo, pois, embora considere, com Blanché, a indefinição pertencendo ao nível da determinação atribui à determinação a propriedade de referir "de modo preciso" (cf. op. cit.: 41).

5. Como é o caso dos verbos que expressam fenômenos atmosféricos.
6. A chamada voz passiva perifrástica, em espanhol é, usualmente, de uso restrito a variedades mais formais que a oral coloquial.
7. Sobre distinções operacionais relativas à noção de contexto, ver Orlandi, 1983: 192-3. A autora distingue: a) o contexto *linguístico* (ou co-texto), b) contexto *textual* (consideração da intertextualidade) e c) contexto *de situação*; c1) no sentido estrito: contexto imediato, de enunciação; c2) no sentido lato: contexto sócio-histórico, ideológico).
8. Cf. também Guespin em *Langages*, nº 23, pág. 23.
9. As citações de Lavandera estão em Inglês porque foram tiradas da versão nessa língua (iné dita até o momento da redação deste trabalho) de seu estudo sobre as formas *uno* e *vos/usted*. Com exceção desta citação, em todos os outros casos, as páginas indicadas remetem à versão publicada em espanhol. Agradeço ao Dr. Ataliba de Castilho a cessão da versão em espanhol.
10. Sobre os recursos da argumentação na variedade oral, ver Claudine Garcia: "Argumenter à l'orale" em *Pratiques* nº 28.
11. Se bem que, como disse anteriormente, (cf. pág.46 acima), na concepção de texto de Halliday ainda prevalece o enfoque distribucional (isto evidenciado também pela sua

- ênfase nas noções de tema e rema, dado e novo (cf. crítica de Orlandi (1978) a estes conceitos), considero as distinções funcionais de Halliday muito pertinentes.
12. Para uma aplicação do funcionamento das modalizações nas análises textuais, cf. S. Moirand, 1979 : 74-88.
 13. Cf. também Orlandi, 1984 a 14-15.
 14. Aqui "determinado " não se refere às situações definidas pela sociologia, mas às representações das condições de produção no discurso.
 15. O verbo *poder* em espanhol (como nas outras línguas romances) é usado para expressar tanto potencialidade / capacidade como permissão e possibilidade. Há línguas em que essa distinção é explicitada através do uso de diferentes formas lexicais (cf. *can, may*, em inglês , por exemplo).
 16. Milanez também inclui neste grau mais alto de indeterminação o uso de verbo em 3ª pessoa singular despronominalizado. Este recurso não existe como indeterminador na língua espanhola.
 17. Vide nota 13.
 18. Na variedade de espanhol rioplatense, a forma *vos* é usada para a 2ª pessoa no registro informal. A morfologia do verbo derivou da forma de 2ª pl., caindo o "i" nas conjugações 1ª e 2ª.

19. Os grifos são meus.
20. A remetente tinha conhecimento de que a destinatária se interessava pelo estudo da construção se-verbo, mas não sabia, na época, que as cartas viriam a formar parte do corpus deste trabalho, pois este ainda não estava em andamento e, conseqüentemente, a questão relativa ao corpus ainda não tinha sido resolvida.
21. Catalizar, recuperar = Tornar evidentes marcas que es tão implícitas.
22. Adoto a denominação "potencial" somente por comodidade e significando "formas verbais em - ria, pois, na verda de, partilho da posição que inclui essas formas no modo indicativo do paradigma verbal.
23. Um exemplo deste uso do imperfeito encontra-se no exem plo D, na primeira intervenção da freguesa.
24. "Esto" refere-se, no texto, a um sanduíche.
25. Para uma explicação detalhada do conceito de formação discursiva cf. Maingueneau: *Genèse du Discours* (1984).
26. Cf. Orlandi, 1983:207.

27. Exemplo extraído de Vanoye: *Usos da Linguagem*, 1982:53. Discordo deste autor quando diz que essa informação utiliza "somente" a função referencial da linguagem e quando diz, na pág. 74., que o informe e a resenha são tipos de "mensagens puramente referenciais" (os grifos são meus).
28. O grifo é meu.
29. Isto é, "os falantes ao usá-la exprimem".
30. Agradeço ao Dr. Héctor Alimonda os esclarecimentos e a cessão de material bibliográfico sobre este tema.
31. Cf. pág. 49, na 2ª parte, sessão I.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AID, Frances, 1973: Semantic Structures in Spanish: A Proposal for Instructional Materials. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- ALARCOS Llorach, Emilio. 1970: Estudios de Gramática Funcional del Español. Madrid:Gredos
- BARRENECHEA, Ana e M. ROSETTI. 1971: Estudios de Gramática Estructural. Buenos Aires: Paidós.
- BELLO, Andrés. 1847: Gramática de la Lengua Española. Buenos Aires: Sopena, 5a. ed., 1958.
- BENVENISTE, Émile. 1976: Problemas de Lingüística Geral. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo.
- BLANCHÉ, Robert. 1969: Structures Intellectuelles. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin.
- BOUACHA, Ali e H. PORTINE. 1981: "Introduction", Langue Française 50. Paris: Larousse.
- COMRIE, Bernard. 1977: "In Defense of Spontaneous Demotion: The Impersonal Passive", Syntax and Semantics 8. New York:Academic Press.
- CONTRERAS, Heles. 1973: "Grammaticality versus Acceptability: The Spanish se Case", Linguistic Inquiry. Massachussets: The MIT Press, vol. IV:1.
- COURDESSES, L.. 1971: "Blum et Thorez em Mai 1936: Analyses d'Énoncés", Langue Française 9. Paris: Larousse.
- DEBRUN, Michel. 1981: "Gramsci: O Porquê do Bom-Senso, Manuscripto III. Campinas: UNICAMP.

- DUCROT, Oswald. 1977: Princípios de Semântica Lingüística (Dizer e não Dizer). São Paulo: Cultrix.
- . 1973: La Preuve et le Dire. Paris: Mame.
- . 1980: Les Mots du Discours. Paris: Les Éditions de Minuit.
- DUTRA, Rosália. 1981: "Considerações sobre o se: o pronome-cama-leão", Ensaio de Lingüística 5. Belo Horizonte: Edição da Universidade Federal de Minas Gerais.
- FIGUEIRA, Rosa Attié e C. VOGT. 1984 (no prelo): "Dois Verbos Achar em Português?" Boletim Araraquara: Ed. da UNESP.
- FILLMORE, Charles. 1968: "The Case for Case", Universals in Linguistic Theory. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- "The Case for Case Reopened", Syntax and Semantics 8. New York: Academic Press.
- GARCÍA, Erica. 1975: The Role of Theory in Linguistic Analysis. The Spanish Pronoun System. Amsterdam: North-Holland Publishing Company.
- GOLDIN, Mark, Spanish Case and Function. Washington, D.C.: Georgetown University Press. 1968.
- GRIMES, Joseph. 1975: The Thread of Discourse. The Hague: Mouton.
- GRIZE, Jean. 1981: "Pour Aborder L'Étude des Structures du Discours Quotidien", Langue Française 50. Paris: Larousse.
- GUESPIN, L. 1971 : "Problématique des Travaux sur le Discours Politique", Langages 23. Paris: Larousse.
- GUIMARÃES, Eduardo. 1981: "Argumentação e Pressuposição", Anais do V Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro.
- 1981: "Estratégias de Relação e Estruturação do Texto", Sobre a Estruturação do Discurso. Campinas: UNICAMP.
- HADLICH, Roger. 1975: Gramática Transformativa del Español. Madrid: Gredos.

- HALLIDAY, M.A.K..1973:"The Functional Basis of Language",
Explorations in the Functions of Language. London
Edward Arnold. (Trad. brasileira 1977).
- e R. Hasan. 1976: Cohesion in English. London: Longman.
- HARRIS, Zelig. 1963: Discourse Analysis Reprints. The Hague:
Mouton.
- ÍPOLA, Emilio de. 1982: Ideología y Discurso Populista. México:
Folios Ediciones.
- JAKOBSON, Roman. 1963: Essais de Linguistique Générale. Paris:
Les Editions de Minuit.
- KLEIMAN, Ângela. 1984: "Sobre o Sujeito e seu Papel numa Propos-
ta de Ensino de Leitura", Linguística: Questões e Controvér-
sias, Série Estudos 10. Uberaba: Fac. Integradas.
- LAVANDERA, Beatriz. 1982:"Creative Variation:Shifting between
Impersonal and Personal in Spanish Discourse". Xerox.
- LAVANDERA, Beatriz. 1984: Variación y Significado. Buenos
Aires: Hachette.
- LABOV, William. 1972:"On the Use of the Present to Explain the
Past", Proceedings of the XV International Congress of
Linguistics. Bologna.
- MAINGUENEUAU, Dominique. 1976: Initiations aux Méthodes de
l'Analyse du Discours. Paris:Hachette.
- 1981:Approche de L'Énonciation en Linguistique Française.
Paris:Hachette.
- D. e A. Grésillon. 1983: "Poliphonie, Proverbe et
Détournement", Langages 73. Paris:Larousse.
- MILANEZ, Wânia. 1982. Recursos de Indeterminação do Sujeito.
Dissertação de Mestrado Inédita. UNICAMP.
- MOIRAND, Sophie. 1979: Situations D'Écrit Paris: CLE International.
- ORLANDI, Eni. 1978: "O Lingüístico e o Social",Foco e Pressupo-
sição, Série Estudos 4. Uberaba: Fac. Integradas.

- ORLANDI, Eni. 1978: "Protagonistas do/no Discurso, Foco e Pressu-
posição, Série Estudos 4. Uberaba: Fac. Integradas.
- 1983: A Linguagem e seu Funcionamento São Paulo: Brasiliense.
- 1984 a: "Segmentar ou Recortar", Linguística: Questões e
Controvérsias, Série Estudos 10. Uberaba: Faculdades
Integradas.
- 1984 b: "Typologie du Discours et Règles de la
Conversation", Langage et Société 29. Paris: Maison des
Sciences de l'homme.
- OTERO, Carlos. 1972: "Acceptable Ungrammatical Sentences in
Spanish", Linguistic Inquiry. Massachussets: The MIT Press,
Vol. III:2.
- 1973: "Agrammaticality in Performance", Linguistic Inquiry.
Massachussets: The MIT Press, vol. IV:4.
- PÊCHEUX, Michel. 1969: Analyse Automatique du Discours. Paris:
Dunod.
- 1975: "Mises au Point et Perspectives à Propos de
l'Analyse du Discours", Langages 37. Paris: Larousse.
- PERINI, Mário. 1981 "Gargalos e Tropeços da Comunicação Oral"
Texto da Palestra pronunciada na UNICAMP em 25.06.81. Xerox.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 1928: Gramática de la Lengua Española.
Madrid: Librería y Casa Editorial Hernando.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1916: Curso de Linguística Geral (Ed.
brasil.) São Paulo: Cultrix, 7a. ed., 1975.
- SEARLE, John. Speech Acts: An Essay in the Philosophy of
Language. Londres: Cambridge University Press.
- SLAKTA, D. 1971: "Esquisse d'une théorie lexico-sémantique:
pour une analyse d'un texte politique (Cahiers de Doléances).
Langages 23. Paris: Larousse.

- STANLEY, Julia. "Passive Motivation" Foundations of Language, 1975.
- SUÑER, Margarita. 1975: "The Free-Ride Principle and The So-Called Impersonal Se", 1974 Colloquim on Spanish and Portuguese Linguistics. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- TANNEN, Deborah. 1982: "Oral and Literate Strategies in Spoken and Written Narratives", Language. Baltimore: The Waverly Press Inc., vol. 58:1.
- VAN DIJK, Teun. 1977: Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse. London: Longman.
- VANOYE, F. 1982: Usos da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes.
- VIGNAUX, G. 1981: "Énoncer, Argumenter: Opérations du Discours, Logiques du Discours", Langue Française 59. Paris: Larousse.
- "Le Discours Argumenté Écrit", Communications n° 20.
- VOGT, Carlos. 1977: O Intervalo Semântico. São Paulo: Ática
- . 1980: Linguagem, Pragmática e Ideologia. São Paulo: Hucitec/Funcamp.
- 1981: "Pour une Pragmatique des Représentations", Semantikos. Paris: The Semantikos Association, vol. 5:1.
- WISHON, George e Julia BURKS. 1968: Let's Write English. New York : American Book Company.